



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

***“Hoje estou a pôr um pó, amanhã é um batom...”*: Um estudo sobre o processo de construção da identidade das mulheres transgéneros na cidade e província de Maputo**

Monografia Apresentada em Cumprimento Parcial dos Requisitos Exigidos para a Obtenção do Grau de Licenciatura em Sociologia, na Universidade Eduardo Mondlane.

Autora: Dúlcia Azarias Wacitela

Supervisora: Prof^a Doutora Rehana Capurchande

Maputo, Junho de 2022

Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Sociologia

Autora:

Dúlcia Azarias Wacitela

***“Hoje estou a pôr um pó, amanhã é um batom...”*: Um estudo sobre o processo de construção da identidade das mulheres transgéneros na cidade e província de Maputo**

Monografia Apresentada em Cumprimento Parcial dos Requisitos Exigidos para a Obtenção do Grau de Licenciatura em Sociologia, na Universidade Eduardo Mondlane.

Maputo, Agosto de 2022

Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Sociologia

Autora:

Dúlcia Azarias Wacitela

“Hoje estou a pôr um pó, amanhã é um batom...”: **Um estudo sobre o processo de construção da identidade das mulheres transgéneros na cidade e província de Maputo**

Monografia Apresentada em Cumprimento Parcial dos Requisitos Exigidos para a Obtenção do Grau de Licenciatura em Sociologia, na Universidade Eduardo Mondlane.

O júri

A Supervisora

O Presidente

O Oponente

Maputo, Agosto de 2022

Declaração de honra

Eu, Dúlcia Azarias Wacitela, declaro por minha honra que este trabalho, que apresento como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em sociologia, no Departamento de Sociologia da Universidade Eduardo Mondlane, nunca foi apresentado para a obtenção de outro grau académico, pelo que, o trabalho é fruto de minha investigação individual, o que pode ser comprovado pela bibliografia referente às fontes que usei durante o processo de pesquisa.

(Dúlcia Azarias Wacitela)

Dedicatória

Ao meu pai, Azarias Wacitela Homo, por sempre ter acreditado no meu potencial e, apesar de ter lme prometido que seria uma grande jornalista, hoje, devido às vicissitudes da vida, obtenho meu grau de licenciatura no curso de Sociologia;

À minha mãe, Ana António Maduranget, por sempre ter me ajudado na realização das tarefas escolares. Meu muito obrigado, meu amor eterno!

- Que Deus os tenha!

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer à Jeová, Deus todo-poderoso, que cuida de mim todo o santo dia e peleja por mim nas minhas batalhas;

De seguida, agradecer a Prof^a. Doutora Rehana Capurchande pela sua ajuda na materialização deste trabalho;

Agradecer à minha avó, Paulina, e ao meu marido, Benedito, pelo apoio moral e por terem acreditado que um dia eu pudesse chegar até aqui;

Às minhas amigas e colegas, Teresa, Euridse, Mayela e Carlota pela amizade e pelo companheirismo nas batalhas que, em conjunto, enfrentámos, perdemos e vencemos durante os 4 anos de formação;

Por último, agradecer ao meu tio antropólogo, Nelson Mugabe, pelo apoio e pelas sessões de debates que tivemos em torno do tema da minha monografia.

Resumo

No presente trabalho, discutimos sobre a identidade das mulheres transgéneros da cidade e província de Maputo. O objectivo deste estudo visava compreender os factores que influenciam o processo de construção dessa identidade. Para o alcance das nossas pretensões, pautámos por uma abordagem qualitativa na qual aplicámos entrevistas em profundidade às 8 mulheres transgéneros. Teoricamente, a partir de Stuart e Butler, entendemos que existe um conjunto de factores históricos, sociais, culturais e subjectivos que contribuem para a construção e desconstrução das identidades dos sujeitos. Nesta senda, o processo de construção da identidade das mulheres transgéneros de Maputo é influenciado por esses factores. Ora, isso significa que inculcar os papéis de género aos sujeitos através da socialização não implica necessariamente que irá ocorrer o processo de identificação. No entanto, é preciso ter em conta os sentimentos, valores e escolhas que envolvem os sujeitos e a relação que eles estabelecem com os demais no seu quotidiano. Como resultados, através do estudo, constatamos que existe um conjunto de factores internos (o início da identificação na infância, a sexualidade, a atitude positiva, a necessidade de revelar-se, a experiência de revelação da identidade, o processo de aprendizagem e a superação do preconceito) e externos (a aceitação/ negação da identidade das mulheres transgéneros por parte dos pais, o abandono do lar, os espaços de sociabilidade e o papel da Lambda) que influenciam a construção dessa identidade. Neste sentido, os resultados permitiram-nos concluir que enquanto os factores internos impulsionam o desejo de ser uma mulher transgénero, os factores externos funcionam como o motor para conduzir o processo de construção da identidade.

Palavras-chave: Identidade, Género, Transgénero

Abstract

In the present study, we discuss the identity of transgender women in Maputo city and province. The aim of the study was to understand the factors that influence the construction process of that identity. To achieve our pretensions, we used a qualitative approach in which we applied in-depth interviews to 8 transgender women. Theoretically, from Stuart and Butler, we understood that there was a set of historical, social, cultural and subjective factors that contributed to the construction and deconstruction of the identities of the subjects. In this sense, the process of identity construction of women is influenced by these factors. However, this means that to inculcate gender roles to individuals through socialization does not necessarily imply that the identification process will occur. Therefore, it is necessary to take into account the subjective aspects involving the subjects and the relationship that they establish with others in their daily life. As results, the study found that there was a set of internal factors (the beginning of identification in childhood, sexuality, positive attitude, the need to reveal oneself, the experience of identity disclosure, the learning process and overcoming prejudice) and external (the acceptance/ denial of the identity of transgender women by their parents, leaving home, the spaces of sociability and the role of Lambda) that influence the construction of this identity. In this sense, the results allowed us to conclude that, while the internal factors drove the desire to be a transgender woman, the external factors acted as a motor to drive this process.

Key - words: Identity, Gender and Transgender.

Índice

Declaração de honra.....	iv
Dedicatória.....	v
Agradecimentos.....	vi
Resumo.....	vii
Abstract.....	viii
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I.....	4
1. DA REVISÃO DA LITERATURA À PROBLEMATIZAÇÃO.....	4
1.1 Abordagem discursiva.....	5
1.2 Abordagem da transformação do corpo.....	9
1.3 Abordagem da prostituição.....	11
1.4 Abordagem da violência contra minorias sexuais e de género.....	13
CAPÍTULO II.....	16
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL.....	16
2.1 Enquadramento teórico.....	16
2.2 Enquadramento conceptual.....	20
2.2.1 Identidade.....	21
2.2.2 Género.....	23
2.2.3 Identidade de género.....	24
2.2.4 Transgénero.....	25
2.3 Operacionalização.....	26
CAPÍTULO III.....	27
3. METODOLOGIA.....	27
3.1 Método de Abordagem.....	27
3.2 Método de procedimento.....	27
3.3 Revisão bibliográfica.....	28
3.4 Técnica de colecta de Dados.....	29
3.5 Amostra e Amostragem.....	30
3.6 Unidade de análise.....	31
3.7 Análise de dados.....	31
3.8 Questões éticas.....	32
3.9 Constrangimentos da pesquisa.....	33
CAPÍTULO IV.....	34

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	34
4.1 Características sócio demográficas dos entrevistados.....	34
4.2 O Processo de socialização das mulheres transgêneros.....	36
4.2.1 Início da identificação na infância.....	36
4.2.2 O abandono do lar.....	38
4.2.3 A aceitação/ negação da identidade das mulheres transgêneros por parte dos pais..	39
4.3 Factores que contribuíram para a construção da identidade das mulheres transgêneros.....	42
4.3.1 A sexualidade.....	42
4.3.2 A experiência da revelação da identidade.....	43
4.3.3 Espaços de sociabilidade.....	46
4.3.4 Processo de aprendizagem.....	47
4.4 Factores que explicam a construção da identidade das mulheres transgêneros.....	49
4.4.1 A necessidade da revelação.....	49
4.4.2 A atitude positiva em relação à sua identidade.....	51
4.4.3 O papel da Lambda.....	53
4.4.4 A superação do preconceito.....	54
5. CONCLUSÃO.....	58
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61
7. ANEXOS.....	67

INTRODUÇÃO

Neste presente trabalho pretendemos estudar o processo de construção da identidade das mulheres transgéneros. Para tal, buscámos compreender os factores que influenciam esse processo. Relativamente a área de estudo, realizámos a pesquisa na cidade e província de Maputo com mulheres transgéneros residentes em diferentes bairros, nomeadamente: Mavalane, Bagamoio, Choupal, Patrice, Matola e Nkobe. A escolha das participantes foi determinada pelo fácil acesso ao público-alvo. Estudar este tema torna-se pertinente porque, no contexto nacional, a revisão permitiu-nos constatar que são poucos os estudos que discutem precisamente a identidade transgénero, mas há um número significativo de estudos sobre a identidade homossexual. Contudo, no contexto internacional, o tema é amplamente debatido sob diversos pontos de vista.

Atinente ao debate sobre a identidade transgénero, no contexto internacional existe um conjunto de autores, avançados no próximo capítulo, que consideram que os movimentos sociais, as questões jurídicas e os factores sociais, por exemplo, como a pobreza, desempenham um papel fundamental no processo de construção dessa identidade. Apesar de este debate ser diferenciado, os autores não discutem como é que na prática, quer através dos discursos, quer dos movimentos ou das leis, as transgéneros perdem ou ganham os seus direitos. Os estudos não discutem acercados mecanismos que eles usam nas suas lutas para a conquista dos seus direitos.

Por outro lado, identificamos também autores que defendem que ser transgénero é determinado pela transformação do corpo e, apresentam elementos que nos permitiram identificar uma mulher transgénero. Ademais, esta transformação pode ter diferentes motivações subjacentes, a saber: a necessidade de ser visto como um símbolo de poder e prestígio dentro do grupo, a tentativa de ser socialmente aceite e uma forma de manifestação contra os discursos heteronormativos. A diferença dessas motivações abre espaço para mais questionamentos sobre a construção dessa identidade. Também encontrámos autores que a explicam a partir da prática de prostituição, considerando este factor uma fonte de renda, bem como um espaço de sociabilidade para as mulheres transgéneros. E, por último, encontramos um conjunto de autores que consideram que

violência e a falta de um quadro legal é um calcanhar de Aquiles na vida das minorias sexuais e de género.

Para o contexto nacional, conforme anteriormente citado, o debate tem maior enfoque na homossexualidade. Não obstante, encontrámos um estudo da Chipenembe (2018), no qual se debruça acerca do activismo sobre a saúde sexual e reprodutiva na comunidade LGBT. A autora constata que neste processo de activismo existe uma violência normativa, pois as políticas desenvolvidas não incluem todas as minorias sexuais. Também se evidencia o estudo de Mugabe, do qual contribuiu para a compreensão dos processos de engajamento no universo LGBT. Na perspectiva desse autor a Lambda e as mídias desempenharam um papel importante no processo de auto – identificação das mulheres transgéneros.

Em suma, a revisão da literatura, como um todo, demonstra que a construção da identidade das mulheres transgéneros é multifacetada e permite explorar vários aspectos dessa realidade que a constitui. Portanto, ao olhar para Moçambique com suas particularidades sociais e políticas, considerando, também, a generalidade dos estudos realizados no nosso contexto, urge questionar *os factores que influenciam a construção da identidade das mulheres transgéneros na cidade e província de Maputo?*

A questão das identidades de género é amplamente discutida na actualidade pelo que este estudo vem dar mais subsídios ao campo da Sociologia para a compreensão desse fenómeno, especificamente em Moçambique onde existem poucos estudos sobre esta temática. Com vista a alcançar o nosso objectivo geral, num primeiro momento, fizemos a descrição do processo de socialização das mulheres transgéneros; segundo, procurámos identificar os factores que influenciam a construção dessa identidade; e, por fim, trouxemos elementos que explicam a construção da identidade das mulheres transgéneros em Maputo.

Teoricamente, o trabalho encontra-se ancorado ao *pós-estruturalismo* precisamente nas teorias de Stuart Hall e Judith Butler. Estas abordagens permitiram compreender as identidades consideradas “anormais” socialmente, particularmente a identidade transgénero. Segundo estes autores, existe um conjunto de factores históricos, sociais, culturais e subjectivos que contribuem

para a construção e desconstrução das identidades dos sujeitos. E, relativamente a identidade das transgéneros em Maputo, é possível depreender que inculcar os papéis de género aos sujeitos através da socialização não implica necessariamente que irá ocorrer o processo para sua identificação. No entanto, é preciso ter em conta os aspectos subjectivos e objectivos que envolvem o sujeito nas suas interacções sociais.

Quanto à metodologia, o trabalho pautou pela abordagem qualitativa que visa apreender os aspectos do comportamento humano que não são mensuráveis. Em caso particular desta pesquisa, ela permitiu-nos apreender os factores que contribuem para a construção da identidade das mulheres transgéneros em Maputo. Como técnica de recolha de dados, optámos pelo uso da amostragem por conveniência e por bola de neve e para colecta de dados, recorreremos à entrevista em profundidade.

Posto isto, o trabalho encontra-se estruturado em capítulos, nomeadamente: o capítulo I é referente à revisão da literatura no qual apresentámos e discutimos estudos já realizados sobre a construção de identidade transgénero. Este capítulo culmina com a apresentação do problema de pesquisa que é o fio condutor de todo o trabalho; de seguida, encontra-se o capítulo II que compreende à metodologia, no qual apresentámos todos os métodos e técnicas usadas, bem como a sua pertinência para a realização deste trabalho; o capítulo III diz respeito ao enquadramento teórico e conceptual no qual apresentámos as teorias que sustentam o nosso estudo e os respectivos conceitos que permitiram fazer a interpretação dos dados colhidos no campo;

E, por fim, o capítulo IV que é referente à apresentação e análise de dados encontrados no campo. O último capítulo está dividido em quatro secções. A primeira secção diz respeito ao perfil sócio demográfico das entrevistadas; a segunda refere-se ao processo de socialização das mulheres transgéneros; a terceira debruça sobre os factores que contribuíram para a construção da identidade transgénero; e a quarta, a última secção, discute os factores que explicam a construção da identidade das mulheres transgéneros. Por fim, temos conclusão e as referências bibliográficas.

CAPÍTULO I

1. DA REVISÃO DA LITERATURA À PROBLEMATIZAÇÃO

Neste capítulo, pretendemos apresentar o debate teórico que existe acerca da construção de identidade transgénero a partir de estudos empíricos. Baseada na literatura internacional e nacional, o debate levou-nos a formulação do problema de pesquisa a partir das convergências e divergências entre os autores, bem como a falta de aprofundamento dos temas tratados nos seus estudos.

Para o contexto internacional, devido a diversidade dos temas, a literatura segue quatro abordagens, a saber: a primeira, que designámo-la por discursiva, discute a construção da identidade transgénero a partir dos discursos científicos e dos movimentos sociais LGBT, baseado nos autores Leite (2008), Soares (2012), Carvalho (2018), Suiama (2012), Viera (2008), Cunha (2018), Adelman., Ajaime., Lopes., e Savrasff (2003), e Brilhante (2006); a segunda fala da transformação do corpo, de acordo com Ramalho (2018), Vilela et al (2006), Pelúcia (2005), Wittmann (2019), Ramos et al (2014); a terceira, que aborda a prostituição, ou seja, o trabalho sexual como meio de construção dessa identidade com base nos autores Garcia (2007; 2008) e Beneditti (2004).

Por fim temos a quarta abordagem, de estudos realizados em África, que a designámos por violência, minorias sexuais e de género. Para este debate encontramos autores como Daniels et al (2019), Snyman (2019), Heerden (2019) e Koko, Monro, & Smith (2018). E, para o contexto nacional encontramos estudos realizados por Chipenembe (2018) e Mugabe (2015, 2019, 2021). A primeira autora discute a questão do activismo e direitos sexuais das LGBT e o segundo autor, discute a questão da construção da identidade das mulheres transgéneros, numa comparação entre Moçambique e Brasil.

1.1 Abordagem discursiva

De acordo com Leite (2008), na sua análise sobre a *construção da identidade travesti a partir do discurso científico*, autores como Freud, Facoult e Stirner defendem que a travestilidade e outras formas de ser diferentes da heterossexualidade sempre foram entendidas como contra naturais, ou inumanas. A medicalização e a patologização desta identidade foram uma maneira de organizar a compreensão social destas pessoas consideradas como desestabilizadoras das normas do género.

A partir das conclusões de Leite, constatámos que a patologização da identidade transgénero, também, teve o seu suporte dentro do campo científico para além do social e religioso. Porém, a conclusão de Leite levou-nos ao debate biológico onde o género é determinado pelo sexo. Entretanto, autoras como Scott¹ e Butler² já defendem a identidade de género enquanto uma construção histórica/ social, facto que alarga o campo de debate sobre esta identidade e leva-nos a tentar compreender os aspectos históricos e sociais subjacentes à identidade transgénero.

Na mesma linha, Soares (2012), discute a construção da identidade travesti a partir dos discursos do senso comum. O autor chegou à conclusão de que existe uma percepção errónea por partes dos seus entrevistados sobre a mesma independentemente da posição que o indivíduo ocupa na sociedade, pois acreditam que o ser transgénero resulta de algum problema psicológico e vai contra a moralidade. Para o autor, a travesti não escolhe ser o que é e a sua preferência não é de se relacionar com pessoas do mesmo sexo, mas sim de assumir a sua orientação publicamente.

Como se pode depreender desta perspectiva, a percepção sobre o travesti é limitativo, considerando que a percepção que os indivíduos têm sobre um determinado fenómeno está intimamente ligada ao contexto sociocultural em que estão inseridos, pelo que, o estudo não dá subsídio para a compreensão desta identidade em si. Pois para compreender uma identidade em si é necessário ter em conta a experiência do actor que a vivencia. Autores como Ramalho (2019)

¹ Wallach, J. (1995). "Género: uma categoria útil de análise histórica". Porto Alegre. *Educação & Realidade*, 20, (2), jul./dez, 71-99. Available from SciELO Books SCOTT.

² Judith Butler (2003)

e Benedetti (2004), mencionados mais adiante, trouxeram elementos que subsidiaram a compreensão da construção desta identidade.

Diferentemente dos autores anteriormente citados, Carvalho (2018), discute a construção desta identidade a partir de *políticas adoptadas aos movimentos de travestis*, mulheres transexuais e homens transgéneros ao longo dos últimos anos no Brasil. O autor constatou que a partir das suas lutas, as transgéneros conseguiram a autorização para o uso do nome social nas escolas, bem como a transformação do seu corpo através de uma intervenção cirúrgica o que levou a diminuição na desistência escolar e, conseqüentemente, aumentou a escolaridade média da população transgénero.

Apesar dos obstáculos que este grupo tem enfrentado, é possível verificar que as acções levadas ao cabo, em colectivo, com vista a lutar pelos seus direitos, ou seja, em forma de movimentos, têm surtido efeitos positivos no que concerne ao ganho de alguns direitos como, por exemplo, a legalização do nome social e da cirurgia para a transformação do corpo. Todavia, o autor não chega a discutir acerca dos mecanismos que este movimento tem usado para conseguir estes direitos.

À semelhança do estudo anterior, Viera (2008), também defende que os inúmeros movimentos vêm contribuindo para o empoderamento identitário por meio do sentimento de pertença de homens e mulheres que optaram por viver seus desejos, divergindo-se dos critérios normatizantes. A luta e a resistência contra a padronização da sexualidade a partir do modelo heterossexista têm servido para a construção identitária de gays, lésbicas, bissexuais e transgéneros. No seu estudo, o autor limitou-se em trazer apenas os seus ganhos, não mostrando como estes movimentos agem na prática para conseguir estes ganhos como, por exemplo, o uso do nome social, assim como a realização das cirurgias para a transformação do corpo.

Ademais, Adelman., Ajaimé., Lopes., e Savrasff (2003), ao compreenderem a identidade e experiência de vida dos travestis e das transgéneros, constataram que os processos de interacção social constituíram-se num factor fundamental para a construção das identidades desta minoria. Por outro lado, as fortes dicotomias sobre o género, que ainda operam na cultura actual,

forneem tanto os termos com as quais os travestis e as transgêneros se autodefinem, quanto as bases para a estigmatização a qual continuam sujeitas. As conclusões desses autores permitiram-nos compreender que o processo de construção da identidade transgênero acontece através da troca de experiências e os signos que usam para se auto - identificar são próprios da sociedade a que pertencem.

Por seu turno, Suiama (2012), procurou discutir o *Direito dos Transgêneros no contexto americano*, tendo constatado que a coerção contra pessoas transgêneros também provém de actos estatais dado que a grande maioria das legislações e decisões judiciais impedem que os transgêneros possuam documentos de identificação congruentes, se casem, adotem, busquem protecção por meio de leis anti-discriminatórias, ou usem banheiros e outros lugares reservados segundo o género efectivamente vivido.

Este estudo permite-nos verificar que o preconceito ainda existe sobre a minoria transgênero, particularmente ao nível legal. O estudo demonstra também que a vivência desta identidade constitui uma transgressão as normas sociais e jurídicas estabelecidas na sociedade. Porém, a autora não deixa claro se a legislação foi criada especificamente para impedir que os transgêneros possuam alguns direitos, ou se simplesmente a legislação não contempla os seus direitos.

E Cunha (2018), por sua vez, procurou compreender o *Direito dos Transgêneros sob a legislação europeia*, tendo constatado que o continente europeu com relação à identidade de género se mostra bastante acessível com o entendimento de que o ser humano, os direitos da personalidade e a dignidade da pessoa humana são conceitos muito “caros” ao ordenamento jurídico da região. A grande maioria da região tem legislação direccionada ao reconhecimento da identidade de género, permitindo a realização de mudança do prenome, da designação de género nos documentos pessoais do indivíduo, assim como a realização de uma intervenção cirúrgica.

A partir das conclusões trazidas por Suiama (2012) e Cunha (2018), é possível verificar que existe uma divergência no que concerne a questão da identidade transgênero, pois no contexto americano ela ainda é marginalizada diferentemente do contexto europeu. Entretanto, estes

estudos limitam-se apenas aos aspectos jurídicos sobre os transgéneros. Por conseguinte, importa questionar os factores sociais que suportam aceitação ou rejeição dela. Esta divergência traz à tona a questão de que o contexto é crucial para a percepção de um determinado fenómeno, particularmente o de construção da identidade transgénero como é o caso de Moçambique.

Diferentemente, Rios (s/d), também aborda os direitos de LGBT e constatou que as precárias condições socioeconómicas em que vive grande parte da população latino-americana constituem um desafio maiúsculo para a implementação de direitos sexuais de LGBT. A pobreza e a miséria são grandes barreiras para o acesso aos vários benefícios, tais como, conhecimento, informação e serviços relacionados à sexualidade, pois limitam a percepção dos riscos atinentes à prática sexual desprotegida. Logo, a pobreza e a miséria são um obstáculo à educação formal, tendo consequências na constituição de uma vida social livre de certos preconceitos.

O autor traz um aspecto interessante sobre como os factores sociais são determinantes para a construção desta identidade e, conseqüentemente, estes factores podem influenciar a percepção que os outros indivíduos ou grupos terão sobre essa minoria. Porém, não aprofunda a forma como estes factores actuam para se constituírem um obstáculo na construção e vivência desta identidade.

Por último, Brilhante (2016), num estudo quantitativo acerca das *Imagens sociais sobre os transgéneros*, verificou que no geral as/os estudantes parecem ser poucos e, parecem existir menos atitudes de violência para com pessoas cuja expressão/identidade de género não esteja em conformidade com o binarismo tradicional. Não obstante, aquando da divisão da amostra por categorias (religião, familiaridade, sexo, entre outras) sobressaem atitudes mais negativas por parte dos indivíduos que se identificam enquanto homens. A autora leva-nos a considerar que os homens são mais preconceituosos em relação às mulheres. Considerando que o estudo é quantitativo, será proveitoso aprofundar mais através de um estudo qualitativo a compreensão da atitude dos homens sobre os transgéneros.

De um modo geral, nesta abordagem é possível verificar que a partir dos discursos científicos, a identidade transgénero é entendida como uma conduta desestabilizadora dos padrões de género

e, a partir dos movimentos sociais, os transgêneros conseguiram ganhar alguns benefícios a seu favor em termos jurídicos. No contexto americano, este grupo ainda é marginalizado, no entanto, no contexto europeu tem o seu reconhecimento e os factores sociais determinam a construção e a vivência desta identidade. Apesar deste debate diferenciado que os autores trazem, todos não discutem como é que ela é na prática, quer seja através dos discursos, dos movimentos, ou das leis que os transgêneros perdem ou ganham os seus direitos, ou seja, não discutem quais os mecanismos que estes usam nas suas lutas identitárias.

1.2 Abordagem da transformação do corpo

Segundo Ramalho (2019), a construção da identidade social travesti encontra-se inerentemente vinculado ao corpo, à imagem, às formas e aos investimentos estéticos e cirúrgicos realizados. A partir disso, pode entender-se que o transgénero é reconhecido através do corpo, da capacidade que tem de transformar o corpo masculino no feminino através de vários adereços que caracterizam uma mulher. Ainda segundo esse autor, realizar transformações corporais é, pois, um elemento diferenciador entre aquelas que conseguem ascender à categoria de «verdadeira travesti» e as que tentam “passar por” travestis sem o ser verdadeiramente: os «gays montados».

Nesta “luta” identitária, o corpo, enquanto capital simbólico de sucesso e reconhecimento, funciona como um meio para aceder a categorias de género consideradas, neste contexto, mais “válidas” e que reflectem posições sociais mais relevantes. Na perspectiva de Bourdieu, os grupos sociais estão organizados de forma desigual nas quais alguns possuem mais capital económico, social e político em relação aos outros. O contexto dos transgéneros também não foge à regra, a transformação do corpo é uma realização pessoal, assim como uma forma de ascensão dentro do grupo, de ter mais prestígio social. Todavia, o autor não discute como é que o contexto influencia para tornar-se a verdadeira travesti.

Para Vilela et al (2006), o quotidiano dos travestis é marcada pela dificuldade de circulação “à luz do dia” o que determina um estreitamento nas suas chances de emprego e vida social. Isto determina uma preocupação excessiva com a produção do corpo na perspectiva de que a beleza seja o caminho para o amor, e o amor é a cura para o sentimento de rejeição. Esta produção

implica procedimentos por vezes dolorosos e arriscados, suportados inclusive pela ideia de que as mulheres “sofrem para serem belas”.

Os cuidados com a saúde são limitados, em parte, pela dificuldade de uso de serviços, mas também porque o foco de preocupação com o corpo é a feminilidade e não a saúde. Ademais, os travestis utilizam o corpo como manifesto, um meio de produção contra discursos reinscritas à ordem de género, reivindicando não só suas identidades de géneros, mas também a legitimidade dos trânsitos, inclusive corporais entre os géneros (BENTO, 2006 citado por Moura, 2017, p. 115).

Na mesma linha, Pelúcio (2005), constatou que o ser travesti é determinado pela transformação corporal que se dá pelo uso de silicones e intervenções cirúrgicas. E vai mais além ao dizer que esta aprendizagem da transformação do corpo se dá dentro um de grupo onde aprendem a se maquiar, a injectar as bombas, a andar e gesticular como as mulheres. A autora acrescenta ainda que muitas destas transformações são realizadas sem a supervisão médica.

Na mesma senda, Ramos *et al* (2014), dizem que a construção da aparência física assume uma centralidade inquestionável dado que corpo é investido continuamente, sonhado e idealizado. A transformação é vivida como um processo contínuo, uma obra em constante aperfeiçoamento. Para tal, submetem-se aos processos invasivos e potencialmente perigosos quando realizados sem a supervisão técnica adequada. E para isto, socorrem-se de um saber que circula na comunidade transgénero a qual gerou um corpo de conhecimentos próprio. Os autores afirmam que a grande maioria das transformações corporais é feita sem uma supervisão técnica adequada e realizada de forma parcelar e isolada, não se verificando o acompanhamento médico e psicológico que é útil num processo tão complexo.

Nesta abordagem, os autores são unânimes ao dizer que a travestilidade é determinada pela transformação do corpo e trazem elementos que nos permitem identificar um transgénero. Entretanto, esta transformação pode ter diferentes motivações subjacentes. Para Ramalho (2018), esta serve como símbolo de poder e prestígio dentro do seu grupo; para Vilela *et al* (2006), é um

meio usado na tentativa de ser aceite socialmente, ou de preencher o vazio deixado pela rejeição e para Bento (2006), é uma forma de manifestação contra os discursos heteronormativos.

A diferença destas motivações abre espaço para mais questionamentos sobre a construção da identidade travesti na perspectiva corporal. Para, além disso, os autores Vilela et al (2006), Pelúcia (2005) e Ramos *et al* (2014), afirmam que os procedimentos nos quais os transgêneros se submetem para a transformação dos seus corpos, na maioria das vezes, são realizados sem nenhuma observação médica.

Segundo Wittmann (2019), discutir a identidade de gênero implica necessariamente falar do corpo e experiências subjectivas como sendo a forma de objectivação deste conceito. O corpo funciona como um objecto a ser moldado e é uma ferramenta de expressão identitária. Assim como Adelman., Ajaimé., Lopes., e Savrasff (2003) e Mugabe (2021) acrescentam que a troca de informação entre os transgêneros se dá através das redes sociais e dos grupos de bate-papo que funcionam como espaços de suporte, de intercâmbio de experiências sobre os medicamentos, os médicos e outros serviços.

Como se pode entender, os autores limitam-se apenas a discutir a identidade da transgénero enquanto transformação do corpo, considerando os contextos como principais meios de influência para essas mudanças. Tendo em conta que estes contextos nos quais ocorre a socialização sobre como serem transgêneros, não estão isolados do resto da sociedade. Os autores não discutem acerca da relação dos transgêneros com os demais grupos sociais (heterossexuais, bissexuais e homossexuais), considerando que todos pertencem a mesma sociedade.

1.3 Abordagem da prostituição

Por sua vez Garcia (2008), analisa a influência da prostituição e das actividades ilícitas na formação da identidade entre os travestis de baixa renda. Tendo observado que a prostituição tornou-se, por motivos históricos, um elemento definidor da identidade das travestis e, para além de esta ser uma identidade sexual ou de gênero, também tornou-se profissional. Por outra, uma

das primeiras formas de integração é a dificuldade pela qual passam aqueles que começam a interagir com as travestis devido ao entendimento de sua linguagem. A utilização de termos específicos serve como instrumento de defesa em relação aos restantes membros da sociedade uma vez que permite uma comunicação efectiva sem que quem não seja do ramo possa entender (Garcia, 2007).

Com este estudo é possível compreender que as travestis constroem, de certa forma, um “mundo” ou “grupo” próprio em que há partilha de linguagens específicas que somente os que fazem parte dele conseguem perceber de forma mais nítida. Este aspecto relaciona-se com o conceito de Garfinkel de “membro” como quem domina a linguagem comum do grupo, que interage com os demais a partir de redes de significação estabelecidas nos processos interactivos, que compreende o mundo social em que está inserido sem grandes esforços racionais, mas pela pertença natural de sua socialização (Gusser, 2003).

Para Benedetti (2004), a frequência dos travestis nos espaços da prostituição não está relacionada apenas e necessariamente com a actividade do trabalho sexual, ou com interesses puramente económicos que podem advir destes serviços. Mas sim do convívio social dos travestis, na possibilidade de visibilidade social dos seus investimentos na transformação corporal e do género, bem como na aprendizagem das modalidades e processos de construir-se corporal e subjectivamente no género feminino. Os travestis podem verificar, nestes espaços, se as estratégias de transformação e de apresentação de si no feminino encontram reciprocidade tanto por parte dos outros travestis, como por parte dos outros habitantes deste universo social.

Diferente de Garcia (2007), Benedetti (2004) é mais profundo ao explicar por que motivo a prostituição tem se considerado um elemento característico das transgéneros. A partir do estudo de Benedetti (2004), pode depreender-se que as transgéneros, enquanto actores sociais dotados de uma capacidade reflexiva e perceptiva que tem do mundo em geral constroem a sua realidade, ou um mundo da vida onde possam vivenciar as suas subjectividades. Enfim esta abordagem permite-nos considerar que a prática da prostituição é um factor que deve ser tomado em consideração quando se fala da construção da identidade das mulheres transgéneros.

1.4 Abordagem da violência contra minorias sexuais e de género

Num estudo realizado sobre *as experiências de jovens sul-africanos gays e transgéneros nas escolas rurais*, Daniels et al (2019) constataram que o baixo nível de instrução académica, tem se reflectido de forma negativa na saúde e na educação para as minorias sexuais e de género. Os autores consideram ainda que a violência, a discriminação escolar, o assédio, o abandono ou o silêncio perante o preconceito, a competição entre as dragqueens e as raparigas são factores que impactam negativamente na educação dos jovens de minorias sexuais e de género.

Enquanto Daniels et al (2019) discutiam a questão das experiências, por outro lado temos o Snyman (2019) que analisa o tema numa perspectiva legal. O estudo foi realizado para compreender até que ponto o *Protocolo de Maputo (Africano) das mulheres observa os direitos das mulheres transgéneros no continente africano*. O autor pôde constatar que este documento não garante a protecção dos direitos humanos de indivíduos africanos com identidades de género não – normativas. As mulheres transgéneros em África, não têm os seus direitos salvaguardados e são mal identificadas (como homossexuais). Em consequência disso, frequentemente são vítimas de violência, discriminação e estigma.

Snyman (2019) acrescenta ainda que, os Estados do continente africano socorrem-se do relativismo cultural e religioso para não observarem os direitos das mulheres transgéneros. E, por conseguinte esta minoria de género não tem o seu reconhecimento legal e protecção dos seus direitos fundamentais. Este estudo permite-nos depreender que existe uma relação entre questões políticas, culturais e religiosas. Pelo que o reconhecimento dos direitos destas minorias perpassa todas estas áreas sociais, o que torna a situação mais complexa.

Na mesma senda, Heerden (2019), avança que em 2019 32 dos 54 países africanos proibiram uniões entre pessoas do mesmo sexo. O autor considera que apesar de alguns desenvolvimentos positivos registados em África, no que concerne aos direitos das pessoas LGBTQ os países continuam hostis. Estudos realizados (Afrobarómetro, 2016 e ILGA, 2016) indicam que os africanos tendem a ser mais tolerantes com relação a etnias, religiões e nacionalidades, no entanto a suas atitudes são contrárias quando se falam de homossexuais. Os estudos revelam ainda que os africanos acreditam que a questão da homossexualidade é um conceito estrangeiro, importado do ocidente. Esta concepção também é comum entre líderes políticos e empresariais.

O debate trazido por Heerden levanta a questão da legitimação e a contextualização dos conceitos. Se ser transgénero ou homossexual é entendido como uma ideia importada, torna cada vez mais difícil a assimilação do conceito. Consequentemente, isto se torna numa barreira para elaboração de políticas e estratégias que salvaguardem os direitos dessas minorias sexuais e de género.

Ainda sobre a questão dos direitos humanos, Konko, Monro e Smith (2018), *sobre a situação dos imigrantes LGBTQ forçados na África do Sul*, constataram que estes sofrem múltiplos processos marginalizantes, que por sua vez podem incluir a falta de abrigo, desemprego ou emprego em profissões precárias e de alto risco, trabalho sexual, discriminação por parte das empresas, xenofobia, falta de acesso a serviços de saúde. Na África do Sul, as instituições que deviam dar assistência a estas minorias sexuais, são as mesmas que perpetram actos de homofobia, bifobia, transfobia e nalguns casos perpetram directamente a violência.

De um modo geral esta abordagem permite-nos constatar que ao nível de África a questão da comunidade LGBT ainda tem muitos desafios por enfrentar, principalmente ao nível legal. Também nos permite constatar que a violência tem sido o denominador comum na vida desta minoria. Ao tentar compreender a realidade deste grupo é preciso tomar em consideração o factor violência, pois os acompanha na trajectória da vida.

Por fim encontramos estudos realizados em Moçambique sobre a comunidade LGBT. Numa pesquisa sobre o activismo dos direitos sexuais em Moçambique, Chipenembe (2018) avançou que as estratégias e discursos sobre a saúde e direitos sexuais e reprodutivos também reforçam o contexto de “violência normativa”. Segundo a autora as organizações globais de saúde capacitaram os activistas, as organizações feministas e dos direitos humanos sobre a violência baseada no género, de relações sexuais entre gays, no entanto deixaram de lado as lésbicas e mulheres bissexuais. Este facto tornou-as invisíveis, limitou as abordagens das organizações da sociedade civil no tocante aos direitos destas minorias sexuais. Este facto também reforça dominação masculina e o silêncio das mulheres no que concerne aos seus direitos e necessidades sexuais.

Por outro lado Mugabe (2015; 2019; 2021), defende que os sujeitos aprendem a nomear as suas identidades sexuais e de género através das fontes de informação que têm acesso, tais como, a

rotulação pela sociedade, mídia, internet e frequentando uma organização de LGBT. O autor Acrescenta ainda que as mulheres transgéneros constroem o seu corpo, suas identidades e suas vidas a partir de uma imagem do feminino e articulam signos femininos dispostos na cultura moçambicana. No entanto, elas reconhecem que não são biologicamente iguais às mulheres. Este estudo salienta também que esta identidade, mais do que a transformação do corpo, é também construída através da opinião alheia o que implica que não ganha vida de forma isolada, mas sim através de uma troca de interações entre os actores sociais.

Chipenembe (2018) trás uma abordagem interessante sobre a comunidade LGBT, no entanto esta é discutida de uma forma mais genérica, incluindo todas as minorias sexuais. A sua generalidade de certa não oferece subsídios para entender as especificidades de cada identidade. Na mesma senda encontramos também Mugabe, que discute somente a questão das mulheres trans e de forma aprofundada, o que permite ter o conhecimento dos desdobramentos desta identidade na perspectiva antropológica.

Em suma, a revisão da literatura como um todo demonstra que a construção da identidade das transgéneros é multifacetado o que permite explorar vários aspectos da realidade que a constitui. Considerando que no contexto internacional o tema foi amplamente discutido, diferentemente de Moçambique, neste estudo propomo-nos a compreendê-lo de forma específica e numa abordagem sociológica, na expectativa de desnudar as linhas que cosem esse tecido social chamado de transgêneridade. Logo, colocamos a seguinte pergunta de partida: *quais são os factores que influenciam na construção da identidade das mulheres transgéneros na cidade e província de Maputo?*

CAPÍTULO II

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

Neste capítulo, apresentamos a teoria de base e os conceitos que orientaram a realização de todo trabalho. Pautámos pelo uso das teorias pós-estruturalista de Stuart Hall e Judith Butler que discutem a questão da descentralização do sujeito e da desconstrução das ideias binárias enquanto fontes de verdades absolutas. Os principais conceitos que orientaram toda a pesquisa foram *identidade, género, identidade de género e transgénero*.

2.1 Enquadramento teórico

O trabalho teve como base teórica o *pós-estruturalismo*, precisamente, a teoria de Stuart Hall³ sobre a construção das identidades e a de Judith Butler⁴ sobre o género. No que concerne ao Stuart Hall, o autor, em sua obra *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, defende o argumento de que as identidades estão fragmentadas, descentradas, ou deslocadas. Essa fragmentação das identidades resulta do processo da modernidade que reestruturou todos os sistemas de referência que o indivíduo tinha de si e dos outros. Segundo o autor:

“...velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e

³Stuart Hall foi um teórico que faz parte da corrente dos Estudos Culturais. Estes estudos datam do final da década de 50 e início dos anos 60 pelos teóricos: Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957), Raymond Williams com *Culture and Society* (1958) e E. P. Thompson com *The Making of the English Working-Class* (1963), e revelam uma série de inquietações que abrangem as relações entre cultura e sociedade. A partir do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), fundado em 1964, os Estudos Culturais britânicos vão compor uma linha de pesquisa concentrada nas relações entre a cultura e a sociedade, com suas diversas formas e práticas culturais, bem como as relações com a sociedade e as constantes mudanças sociais (Moresco e Ribeiro, 2015: 170).

⁴Judith Butler é uma filósofa, teórica e académica norte americana que se tornou uma referência nos estudos de género actual. Pertence a terceira vaga do feminismo, a corrente pós-estruturalista, também é considerada uma das pioneiras da teoria Queer. Disponível em: <https://www.culturagenial.com>

abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (Hall, 2006, p. 7).

Antes acreditava-se que a organização social estava sujeita à uma divindade, mas com os vários acontecimentos que marcaram a ruptura entre a idade média e a idade moderna, tais como, o renascimento, o iluminismo, as reformas religiosas, as revoluções burguesa e francesa colocaram o homem no centro da explicação da realidade e o libertaram das tradições e estruturas sociais (Hall, 2006). Nesse processo de mudança social contínua em resultado da modernidade, a identidade dos indivíduos também se encontra em permanente construção uma vez que ela resulta do carácter interior e exterior do indivíduo, isto é, resulta da interacção entre a parte subjectiva e objectiva do indivíduo.

Na perspectiva do autor, a identidade dos indivíduos resulta de um processo de construção que não pode ser considerado acabado, mas sim, que está em permanente diálogo entre o “eu” do indivíduo e a sociedade. À medida que a realidade vai se transformando, ocorrem mudanças também na subjectividade do indivíduo, a forma como o mundo se encontra influencia a percepção que ele tem de si e da posição que deve ocupar, conforme podemos observar:

“A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada". As partes "femininas" do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento (Hall, 2006, p. 38).”

A partir deste pressuposto é possível compreender que a identidade da transgénero não é algo acabado, mas algo que está em constante construção, tendo em conta o contexto sociocultural.

Essa identidade representa uma das partes que compõem o indivíduo, neste caso, a parte feminina do “eu masculino” que é domesticada pelo poder nas relações de gênero e que ganha vida e resiste à essas padronizações. Essa identidade resulta de um processo de interação entre a subjectividade do indivíduo e a relação que ele estabelece com os outros. Segundo Hall (2006), existe uma ideia falsa de que a identidade é uma unidade, algo acabado. Entretanto, ela está sempre em processo de formação. Ainda segundo o autor:

“A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a "identidade" e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nosso "eu" divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado de plenitude (Hall, 2006, pp. 38-39).”

A identidade da transgênero demonstra que as identidades dos indivíduos não são acabadas, que são construídas continuamente. Os indivíduos não nascem totalmente homem, nem totalmente mulher, mas o que vai definir a assimilação dessa identidade são os processos de socialização que determinam os papéis sociais esperados em função do gênero atribuído ao sexo. No entanto, a socialização não garante a fixação da identidade, pelo que observamos a existência de mulheres transgêneros que se identificam com gêneros opostos aos seus sexos. Ainda segundo Hall, temos também o processo da globalização que desempenha um papel fundamental na construção das identidades, conforme diz o autor:

“Essas novas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais (Hall, 2006, p. 68).”

O uso das tecnologias de informação e de comunicação permite com que haja maior partilha de informações, de valores e de ideias sobre diferentes aspectos da vida social e cultural. A

identidade transgénero é reforçada pelo movimento LGBT que existe ao redor do mundo, defendendo o direito de viver as suas escolhas sexuais. Mesmo estando em contextos espaciais diferentes, existe a noção de partilha de identidades através das TICs.

A globalização faz com que as culturas nacionais estejam expostas às influências externas, o que torna cada vez mais difícil de preservá-las. A identidade do transgénero não só resulta da parte subjectiva do indivíduo como também ganha vida através da influência que recebe das mídias, das redes sociais, da onda do movimento LGBT, das mensagens e das imagens difundidas, dos bens e serviços oferecidos ao público (Hall, 2006). O transgénero acaba percebendo que noutros contextos culturais e sociais também existem outros sujeitos que partilham da mesma identidade. O processo da globalização oferece ferramentas que vão reforçar a construção desta identidade.

Por outro lado, Judith Butler, na sua obra *Problemas de Género: feminismo e subversão das identidades*, entende o género como sendo resultado do discurso heteronormativo. Nestes termos, a identidade do transgénero é subvertida, mas também desmascara a fragilidade do discurso político aquando da sua imposição aos papéis de género. Segundo a autora:

“Essa produção disciplinar do género leva a efeito uma falsa estabilização do género, no interesse da construção heterossexual da sexualidade no domínio reprodutor. Quando a desorganização e a desagregação do campo dos corpos rompe a ficção reguladora heterossexual parece que o modelo expressivo perde a sua força descritiva. O ideal regulador é então denunciado como norma e ficção que se disfarça de lei do desenvolvimento a regular o campo sexual que se propõe descrever (Butler, 2003, p. 194).”

A teoria de Butler mostrou-se relevante para este estudo na medida em que defende que os papéis de género impostos aos sujeitos são de facto um discurso político que consiste em regular e dominar a sexualidade e o corpo dos indivíduos. Neste sentido, a identidade das mulheres transgéneros desta pesquisa mostra que não existe nenhuma relação de dependência entre o sexo e o género, mas que o género foi desenhado na superfície dos seus corpos. Ser mulher ou

homem, não implica necessariamente que o sujeito irá identificar-se com o género feminino ou masculino. Ser transgénero não significa somente subverter as normas padronizadas de género, mas também é demonstrar que o género é discursivo e sem nenhuma relação com a parte interior do sujeito.

Butler considera ainda que os actos e os gestos, os desejos articulados e postos em actos criam a ilusão de um núcleo organizador interno do género, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da sexualidade reprodutora (*Idem*, p. 195). A partir deste pressuposto da autora, podemos depreender que as mulheres transgéneros representam esta desilusão da coerência entre o sexo e o género. A constituição do género se dá através de um discurso que inculca nos sujeitos maneiras de ser e estar de acordo com o género. No entanto, sendo ele inscrito superficialmente nos corpos, existe a possibilidade dos sujeitos subverterem as normas e vivenciarem o género de acordo com a sua subjectividade, tal como acontece com as mulheres transgéneros envolvidas nesta pesquisa.

As teorias de Hall e Butler são importantes porque permite compreender as identidades consideradas “anormais” socialmente, particularmente a identidade transgénero. Estas teorias mostram que existe um conjunto de factores históricos, sociais, culturais e subjectivos que contribuem para a construção e desconstrução das identidades dos sujeitos nas suas vivências. Relativamente à construção das identidades é possível entender que inculcar os papéis de género aos sujeitos através da socialização, não implica necessariamente que irá ocorrer o processo de identificação. Contudo, é preciso ter em conta os aspectos subjectivos que envolvem o sujeito e a relação que ele estabelece com os outros no seu quotidiano.

2.2 Enquadramento conceptual

A discussão dos conceitos foi feita com base em diferentes autores, o que permitiu trazer um debate mais amplo sobre os próprios conceitos, bem como definições que se adequam às pretensões do trabalho.

2.2.1 Identidade

Todo o processo da modernidade fez com que o conceito de identidade, para além de ser discutida apenas no seu campo de origem, da lógica e da metafísica, passasse a estar mais presente nas discussões do campo das ciências sociais e humanas. Entender a identidade como qualidade do que é idêntico ou permanente, ainda tem o seu fundamento na filosofia. Todavia, no estudo das ciências sociais, em que a mudança se torna o motor dos fenómenos sociais, esta definição deve ser relativizada ou até mesmo abandonada (Santos, 2011).

Para Castells (2001) citado por Santos (2011) a identidade é a fonte de significado e experiência de um povo. Por um lado, podemos extrair desta definição a ideia de que encontramos na identidade dos indivíduos os significados e as experiências que partilham com os seus grupos de pertença. Por outro lado, podemos dizer que a identidade dos indivíduos resulta das relações que estabelecem com os outros. Para os fins desta pesquisa, esta definição é bastante reduzida na medida em que não permite entender a identidade do transgénero uma vez que ela difere da identidade do grupo de origem.

Diferentemente de Castells, Giddens defende que o ‘eu’, ou seja, a identidade é vista como um projecto reflexivo da modernidade, não seria correcto dizer que o ‘eu’ é inteiramente vazio de conteúdo, pois há processos psicológicos de formação do “eu” e necessidades psicológicas que fornecem parâmetros para a reorganização do “eu” (2002, p. 74). Na perspectiva do autor, nós somos o resultado daquilo que nós fazemos de nós mesmos. Portanto, o que o indivíduo se torna depende das tarefas de reconstrução nas quais se envolve. A partir da perspectiva de Giddens, podemos entender que a identidade é resultado de um permanente diálogo entre a parte interna e externa do indivíduo. Consideramos a parte interna o seu psíquico, que o permite reflectir e fazer escolhas que lhe são propostas pelo mundo e, a externa, as relações sociais que estabelece com outros indivíduos que de alguma forma afectam a sua subjectividade.

A reflexividade do ‘eu’ é contínua e tudo penetra. A cada momento, ou intervalos regulares, o indivíduo é instado a auto-interrogar-se em termos do que está acontecendo (Giddens, 2000, p. 75). A identidade é alvo dos efeitos que acontecem no mundo exterior pelo que o auto-interrogar-

se consiste na ideia de procurar saber quem somos nós em função da realidade na qual estamos inseridos. Na mesma linha, Bauman defende que as identidades são voláteis, algumas por escolha própria e outras são lançadas por outras pessoas e entidades (Moresco e Ribeiro, 2015). O enfoque da identidade nasce da crise de pertencimento da lacuna entre o ‘deve’ e o ‘é’ (Bauman citado por Moresco e Ribeiro, 2015, p. 174). Com o advento da modernidade, as relações e instituições sociais tornaram-se líquidas, fluidas, os pontos de referências desfizeram-se, os elementos que tornavam as identidades sólidas tornaram-se líquidas e, por sua vez, as identidades também se tornaram líquidas dado que não podiam ficar alheias às consequências da modernidade.

Tanto para Bauman, assim como para Giddens, a identidade é facilmente permeada por aquilo que a modernidade tem a oferecer. O indivíduo está sempre se questionando, assumindo novas formas de ser e de estar na sociedade. Já não encontra modelos fixos para espelhar-se e firmar o seu ser. Por último, Hall (2006, pp. 10-11), propõe três concepções de identidade, o sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Para este trabalho importa-nos discutir apenas o sujeito pós-moderno, pois apresenta elementos que nos permitem discutir a identidade transgénero.

Na concepção pós-moderna, a identidade torna-se uma celebração móvel, formada e transformada continuamente pelas relações com as quais somos rerepresentados, ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. O sujeito assume identidades diferentes em momentos diferentes, identificadas e unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando-nos em diferentes direcções, de tal modo que nossas identificações sejam continuamente deslocadas (*Idem*, p. 13). É possível constatar que a identidade do indivíduo vem sofrendo modificações ao longo da história em função dos acontecimentos de cada época. Giddens, Bauman e Hall são unânimes na ideia de que a identidade, com o advento da modernidade, sofreu profundas alterações pelo que actualmente já não podemos concebê-lo como algo estático, acabado e pertencente a um determinado indivíduo, ou grupo social.

Em jeito de síntese, neste estudo, entendemos a identidade como uma forma de ser e estar momentânea dos indivíduos, ou de grupos sociais numa relação de diálogo entre o mundo

interior e exterior. A identidade reflecte o estado em que a sociedade se encontra e as dinâmicas que ela apresenta. As mulheres transgéneros, em Maputo, reflectem estas modificações, ou volatilidades na medida em que as suas identidades subvertem os papéis que foram socialmente definidos às mulheres e aos homens. Estas identidades vêm ganhando o seu firmamento através da identificação com os outros transgéneros aquando da sua participação em movimentos e organizações de LGBT.

2.2.2 Género

O conceito de género, primeiramente, foi usado pelas pesquisadoras norte-americanas que passaram a usar categoria “gender” para falar das origens “exclusivamente sociais das identidades subjectivas de homens e mulheres.”

Para Scott (1995), o género é o elemento constitutivo de relações baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos. Ele é uma forma primária de dar significado às relações de poder. A concepção de género é orientada com base nos símbolos culturalmente definidos, nos conceitos normativos, na política e na identidade subjectiva. Segundo a autora, podemos entender o género como algo que é socialmente construído, que é demarcado a partir dos símbolos culturais, que é determinado pelos padrões normativos sobre que papéis sociais são esperados na mulher e no homem. Existe também a questão da identidade subjectiva que é a forma como o indivíduo se apercebe das relações que estabelece com os outros.

O género não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado. Ele tem de designar também o aparato de produção mediante os próprios sexos que são estabelecidos. O género não está para cultura, assim como o “sexo para natureza”, ou um “sexo natural” que é produzido e estabelecido como pré-discursivo anterior à cultura numa superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. (Butler, 2003, p. 25). Na perspectiva da autora pode entender-se que o género não é algo meramente estático e que a partir da sua designação cultural em função do sexo, torna-se imutável. Por mais que culturalmente se designe quais os papéis do género masculino e feminino correspondentes ao sexo, existe a possibilidade destes permutarem-se.

O género pode ser entendido como a representação social do indivíduo segundo os parâmetros do masculino, ou do feminino, originado de uma elaboração cultural numa construção de fundo sociológico e absolutamente subjectiva muito mais conectada com o papel que o indivíduo desempenha (Cunha, 2018, p. 49). Para o autor, o género está entre o cultural, o social e o subjectivo, o que significa que é algo construído no processo de interacção entre os indivíduos.

Todos os autores, acima mencionados, são unânimes na ideia de que o género é produto da cultura, das relações sociais e da subjectividade do próprio indivíduo. Tendo em conta as definições acima apresentadas, este estudo entende o género como sendo uma constante negociação entre as normas sociais e os desejos individuais. Por sua vez, a identidade do transgénero constitui a parte subjectiva do indivíduo que não se subordina aos padrões culturais e às normas sociais pré-estabelecidas.

Para os fins desta pesquisa, a definição que nos serve de base é a de Butler uma vez que enfatiza a questão da mutabilidade das identidades e, em particular, a das mulheres transgéneros que vem sendo construída ao longo do tempo.

2.2.3 Identidade de género

Para Stoller (1978) citado por Grossi (s/d), identidade de género é um conjunto de convicções pelas quais se considera o que socialmente é masculino, ou feminino. Este núcleo não se modifica ao longo da vida psíquica de cada sujeito, mas podemos associar novos papéis à esta massa de convicções. Ainda segundo Stoller, a identidade de género constrói-se em nossa socialização a partir do momento da rotulação do bebé como menino, ou menina. Contrariamente a Stoller, Jesus (2012), defende que este conceito refere-se ao género com o qual uma pessoa se identifica que pode, ou não concordar com o género que lhe foi atribuído aquando do seu nascimento.

Considerando as discussões de Bauman, Giddens e Hall sobre o conceito de identidade na modernidade, a definição de Stoller já não encontra espaço para um debate na medida em que

consideram que a identidade é algo imutável. Esta definição encontra limitações na explicação da identidade transgênero que vai se constituindo ao longo do tempo. Portanto, para os fins desta pesquisa, importa-nos a definição de Jesus na qual considera que a pessoa pode não identificar-se com o gênero que lhe foi atribuído à nascença, como é o caso particular das mulheres transgêneros desta pesquisa.

2.2.4 Transgênero

O termo transgênero refere-se à uma pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi determinado. Sente que ele ou ela pertence ao gênero oposto ou a ambos, ou nenhum dos dois sexos tradicionais, incluindo travestis, transexuais, intersexuais, DragQueens e Drag Kings. (Barbara Garii, 2007; Jesus, 2012). Reconhecendo-se a diversidade de formas de viver o gênero, dois aspectos cabem na dimensão geral que denominamos de “transgênero”, como expressões diferentes da condição transgênero, a vivência do gênero como: Identidade (o que caracteriza transexuais e travestis); ou como Funcionalidade (representado por crossdressers, dragqueens, drag kings e transformistas). Pessoas transexuais geralmente sentem que seu corpo não está adequado à forma como pensam e se sentem, e querem “corrigir” isso o adequando à imagem de gênero que têm de si. Isso pode se dar de várias formas, desde uso de roupas, passando por tratamentos hormonais e até procedimentos cirúrgicos (Jesus, 2012).

O conceito transgênero abrange todas as identidades e práticas que cruzam, cortam, movem-se entre, ou de qualquer forma desafiam as fronteiras socialmente construídas de sexo e gênero (Stryker, 1994 citado por Suiama 2012, p. 104). Por outro lado, o termo transgênero designa pessoas que estão além do gênero (masculino e feminino) por incorporarem no corpo, no comportamento e nas posturas frente ao mundo características do outro sexo (Vilela, Santos e Veloso, 2006, p. 74).

Os autores, acima *apresentados*, convergem na ideia de que o transgênero é aquele sujeito que rompe os padrões comportamentais que foram definidos e são esperados de acordo com seu gênero. As definições trazidas por esses autores vão de encontro com aquilo que são as pretensões deste trabalho. Desta forma, entendemos o transgênero como todo o sujeito que não

se identifica com o género que lhe foi atribuído à sua nascença, procurando adequá-la através do uso de adereços que expressam o género que considera como sendo ideal para si.

Ademais, discute-se ainda o transgénero enquanto identidade que são os homens e as mulheres transgéneros de Maputo. Segundo Jesus (2012), mulher transgénero é toda a pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher; e homem transexual que é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem. Segundo Vilela et al (2006), o conceito de transgénero abarca três dimensões, a saber: a do *corpo*, do *comportamento* e da *postura*. A primeira dimensão implica as transformações corporais que os transgéneros se submetem para adequarem os seus corpos aos seus géneros ideais; a segunda dimensão refere-se ao modo de ser e estar que adoptam para condizer com os respectivos géneros; e a última dimensão diz respeito à forma como se posicionam perante aos outros indivíduos.

2.3 Operacionalização

O modelo de análise constitui um modelo estruturado e coerente, composto por hipóteses e conceitos articulados entre si de forma operacional com marcos e pistas que são retirados da problemática para orientar o trabalho de observação e análise (Quivy e Campenhoudt, 1992, p. 115). Para os propósitos desta pesquisa foi apenas operacionalizado o conceito de transgénero.

Conceito	Dimensão	Indicador
<i>Transgénero (transexual)</i>	Corpo	-Uma mulher que faz cirurgias, ou uso de hormonas para obter características físicas de um homem; -Um homem que faz cirurgias, ou uso de hormonas para obter características de uma mulher.
	Comportamento	-Uma mulher que veste-se de roupas masculinas, fala, anda e gesticula como se fosse um homem; -Um homem que veste-se de roupas femininas, faz maquilhagem, fala, anda e gesticula como se fosse uma mulher.
	Postura	-Um homem que espera ser tratado pelos outros como mulher e adopta um nome social feminino; -Uma mulher que espera ser trado pelos outros como homem e adopta um nome social masculino;

CAPÍTULO III

3. METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos todos os aspectos relacionados aos métodos que foram empregues para o processo de colecta, análise e tratamento de dados. O estudo foi realizado com mulheres transgéneros com as idades compreendidas de 18 aos 30 anos. Elas encontravam-se a residir nos bairros de Mavalane, Bagamoio, Choupal, Patrice, Nkobe e Matola na cidade e província de Maputo, respectivamente.

3.1 Método de Abordagem

O estudo pautou pela pesquisa *qualitativa*. Segundo Minayo (1996, p.10), pesquisa qualitativa é aquela que é capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos actos, às relações, e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação como construções humanas significativas”.

Considerando a identidade transgénero como resultado do processo de construção social e dotada de significados atribuídos pelos actores sociais que a vivenciam, a abordagem qualitativa apresentou-se como sendo o método eficaz para captar esta realidade na medida em que foca-se na compreensão do comportamento dos actores sociais e, neste caso, enquadra-se para o estudo da construção da identidade das mulheres transgéneros na cidade e província de Maputo e dos significados que as pessoas atribuem à identidade de género e orientação sexual.

3.2 Método de procedimento

A pesquisa foi orientada pelo método *fenomenológico*, no qual o pesquisador preocupa-se em mostrar e esclarecer o que é dado. Este método não se preocupa em explicar mediante leis, nem deduzir com base em princípios, mas considera imediatamente o que está na consciência dos sujeitos. O que interessa ao pesquisador não é o mundo que existe, nem o conceito subjectivo,

nem uma actividade do sujeito, mas sim o modo como o conhecimento do mundo se dá, tem lugar, se realiza para cada pessoa (Gil, 2008, p. 14).

A intenção da Fenomenologia é, pois, o de proporcionar uma descrição directa da experiência tal como ela é, sem nenhuma consideração acerca da sua génese psicológica e das explicações causais que os especialistas podem dar. Para tanto, é necessário orientar-se ao que é dado directamente à consciência com a exclusão de tudo aquilo que pode modificá-lo como o subjectivo do pesquisador e o objectivo que não é dado realmente ao fenómeno considerado (*ibidem*).

A escolha deste método justifica-se pelo facto dele permitir ao pesquisador captar a realidade da forma como ela é interpretada e vivida pelo actor social. Ao usar este método, o pesquisador deve abstrair-se daquilo que ele e os outros pensam sobre o fenómeno, deve procurar compreendê-lo a partir do próprio actor que o vivencia. No caso concreto deste estudo, o método permitiu, a partir dos transgéneros, compreender como é construída e vivenciada esta identidade dentro de um contexto sociocultural que ainda possui normas padronizadas do que é ser homem, ou ser mulher, quer na sociedade em geral, que na sociedade moçambicana em particular.

A pesquisa é desenvolvida sob o enfoque fenomenológico que procura resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos ao objecto que está sendo estudado (Gil, 2008, p. 15). Conforme enfatiza Gil (2008), este método permitiu captar, a partir dos discursos dos próprios transgéneros da cidade e província de Maputo, o que significa vivenciar, ou ter esta identidade. A partir deste método foi possível também apreender os aspectos sociais que concorrem para o processo de construção desta identidade e os significados que ela carrega consigo.

3.3 Revisão bibliográfica

A revisão bibliográfica consiste no levantamento de estudos já realizados sobre o tema que o pesquisador pretende trabalhar. Estes estudos podem apresentar-se sob forma de livros, artigos científicos, relatórios de pesquisas, teses, dissertações, etc. O levantamento de diversas fontes de

dados permite ao pesquisador salientar a contribuição do seu trabalho, demonstrar contradições, ou reafirmar comportamentos (Lakatos e Marconi, 2003, p. 225).

Numa primeira fase, fez-se a *revisão bibliográfica* que consistiu no levantamento de estudos já feitos em Moçambique e no exterior sobre o tema " identidade transgénero" o que permitiu a formulação do problema de pesquisa do estudo em questão. Os estudos foram pesquisados no site de Google académico e no repositório da Universidade Eduardo Mondlane, cujas palavras-chave foram "identidade transgénero", "travesti" e "homossexualidade".

A revisão, no contexto nacional, permitiu-nos constatar que são poucos os estudos que discutem precisamente a identidade transgénero, mas há um número significativo de estudos sobre a identidade homossexual. Contudo, no contexto internacional, o tema é amplamente debatido sob diversos pontos de vista.

3.4 Técnica de colecta de Dados

Para o processo de colecta de dados, usámos a entrevista *em profundidade* que consiste em uma conversa guiada na qual se pretende obter informações detalhadas que podem ser utilizadas em uma análise qualitativa. Este tipo de entrevista tem como objectivo obter informações do entrevistado sobre um facto que ele conhece, ou sobre seu comportamento, conhecer sua opinião, motivações, entre outros. (Richardson, 2012, p. 208).

Procurar saber sobre a construção de uma identidade remete à uma exploração profunda da vida do pesquisado, e esta foi a intenção desta pesquisa, pelo que, a entrevista em profundidade adequou-se à estas pretensões. A partir destas entrevistas foi possível identificar aspectos inerentes à identidade das mulheres transgéneros, as suas redes e espaços de sociabilidade que permitem com que a mesma seja vivenciada, bem como descrever todo o processo de construção.

Para a realização dessas entrevistas, o guião foi elaborado, obedecendo aos seguintes tópicos: descrição do processo de socialização primária e secundária dos transgéneros na cidade e província de Maputo, identificação dos factores que influenciam a construção de identidade dos

transgéneros, a caracterização dos factores acima mencionados e, por fim, a explicação deles. O guião foi aplicado à todas as mulheres transgéneros da amostra, de forma a garantir a homogeneidade das respostas.

3.5 Amostra e Amostragem

Sendo o estudo de natureza qualitativa, a técnica de amostragem recomendada é a de *não probabilístico*. Segundo Gil (2008), a amostragem não probabilística é aquela que não apresenta fundamentação matemática ou estatística para a selecção da amostra, dependendo unicamente dos critérios do pesquisador. Para a selecção da amostra usou-se como critério, a amostragem por conveniência e por bola de neve.

O primeiro é o tipo de amostragem em que o pesquisador selecciona os elementos que ele tem acesso, admitindo que eles possam, de alguma forma, representar o universo. Aplica-se este tipo de amostragem em estudos exploratórios ou qualitativos (Gil, 2008, p. 94). O segundo usa cadeias de referência. Este tipo de amostragem é útil para estudar grupos difíceis de serem identificados. Para o pontapé inicial, lança a mão de documentos e/ou informantes-chave, nomeados como sementes a fim de localizar algumas pessoas com perfil necessário para pesquisa dentro da população geral (Vinuto, 2014, p. 203).

O uso destas técnicas de selecção (por acessibilidade e por bola de neve) apresentou-se conveniente, dado que a pesquisa foi de carácter exploratório e também pelo facto de ser um grupo de difícil acesso, por questões de revelação, ou não das suas identidades. Justifica-se pelo facto das transgéneros não terem aceitado participar da pesquisa numa primeira fase. E, para conseguir a sua participação foi graças à recomendação de alguém da sua rede de sociabilidade. A partir da informante – chave obtivemos os contactos das outras transgéneros.

Foram entrevistadas 8 mulheres transgéneros com idades compreendidas de 18 aos 30 anos. Este número justifica-se pelo facto de termos atingido a saturação das entrevistas. Ademais, em pesquisas qualitativas a preocupação não é necessariamente da representatividade da amostra, mas sim da profundidade do tema a ser explorado e da relação que os pesquisados estabelecem

entre si (Minayo, 1996). E, por outra, segundo Richardson (2012) as pesquisas que têm como instrumento de colecta de dados a *entrevista em profundidade*, não devem ultrapassar o número de 20 elementos de forma a não saturar as entrevistas.

3.6 Unidade de análise

A unidade de análise refere-se ao local onde será realizada a pesquisa, podendo ser cidades, escolas, indústrias, ou até mesmo pessoas (Richardson, 2012). A pesquisa foi realizada com as mulheres transgéneros que residem na cidade e província de Maputo, concretamente nos bairros de Mavalane, Bagamoio, Choupal, Patrice, Matola e Nkobe.

3.7 Análise de dados

Para o tratamento e análise de dados, pautámos pela *análise temática*. Este método pode ser entendido como um método construtivista que examina as maneiras como os eventos, as realidades, os significados, as experiências e assim por diante são feitos de uma série de discursos que operam dentro da sociedade (Brauni e Clarke (2006) citados por Rosa e Mckedanz 2021, p. 11). Este método é constituído por seis fases, nomeadamente: a familiarização com os dados, a geração de códigos iniciais, a busca por temas, a revisão dos temas, a definição e denominação dos temas e, por último, a produção dos relatórios (*Ibdem*, pp. 12-13).

Numa primeira fase, fizemos uma leitura aprofundada de cada entrevista. Esta leitura permitiu-nos extrair vários códigos iniciais que, por sua vez, permitiram-nos definir os temas. Este todo o processo levou-nos a identificar os seguintes temas: início da identificação na infância; o abandono do lar; a aceitação/ negação da identidade das mulheres transgéneros por parte dos pais; a sexualidade; a experiência da revelação identidade; os espaços de sociabilidade; o processo de aprendizagem; a necessidade de revelar-se; a atitude positiva em relação a identidade; o papel da Lambda; e a superação do preconceito.

3.8 Questões éticas

Antes e durante o processo da realização das entrevistas, há certos princípios que devem ser observados com vista a preservar a identidade e a liberdade dos participantes da pesquisa. O primeiro princípio foi o *consentimento informado*. Assim sendo, antes de iniciar as entrevistas foi apresentado aos participantes da pesquisa o consentimento informado no qual constavam o nome da instituição a que o pesquisador pertence, o objectivo e a finalidade da pesquisa, bem como os direitos que os participantes têm durante o processo da realização das entrevistas.

O segundo é o *voluntarismo*, que após ter sido apresentado o consentimento informado, os participantes concederam as entrevistas livremente e assinaram o documento como forma de prova; o terceiro diz respeito à *preservação da identidade*. Foram ocultados os aspectos que de algum modo podiam revelar ou colocar em causa a identidade das transgéneros, como por exemplo, o nome e a morada. No caso do nome, foi substituído o verdadeiro por um outro fictício.

O quarto refere-se à *confidencialidade*, toda a informação que nos foi transmitida pelos participantes foi colocada em sigilo a fim de salvaguardar a integridade moral dos participantes e a originalidade da pesquisa; o quinto tem a ver com a *Liberdade do participante*, cada participante foi dado um espaço para expor as suas dúvidas, perguntas e até mesmo o direito de não responder à certas questões caso não se sentisse à vontade; o sexto relaciona-se com os *benefícios dos participantes*, houve ponderação entre riscos e benefícios, e sempre comprometendo-nos com o máximo dos benefícios e o mínimo dos danos.

Por último, o sétimo que diz respeito à *relevância social*. O estudo apresentava vantagens significativas para os sujeitos desta pesquisa, como por exemplo, do lado prático, os dados da pesquisa podem influenciar a melhoria na oferta de programas de saúde sexual dos transgéneros, ou influenciar a necessidade de reformulação de leis que visam estender os direitos dos transgéneros, assim como reduzir a discriminação social.

3.9 Constrangimentos da pesquisa

O primeiro constrangimento enfrentado foi a indisponibilidade das mulheres transgêneros, pois alegavam ter muitas ocupações durante a semana, e aos fins-de-semana precisavam descansar. Para superar esse entrave foi necessário ter muita paciência e persistência, o que permitiu que negociássemos a sua disponibilidade. O segundo constrangimento teve a ver com o receio em dar as respostas, o que concorria para a superficialidade das entrevistas. E, como forma de superação, optamos em iniciar as entrevistas com assuntos banais do dia-a-dia, de forma a relaxar e conquistar a confiança das participantes.

CAPÍTULO IV

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, apresentamos os dados e a sua respectiva análise e discussão. A pesquisa buscou compreender os factores que contribuem para a construção de identidade das mulheres transgéneros em Maputo. Deste modo, este capítulo encontra-se dividido em 4 secções, nomeadamente: (i) as características sócio demográficas dos entrevistados; (ii) o processo de socialização das mulheres transgéneros; (iii) os factores que contribuem para a construção de identidade das mulheres transgéneros; e (iv) os factores que explicam a construção de identidade das mulheres transgéneros.

Na primeira secção, intitulada característica sócio demográficas dos entrevistados, apresentamos e discutimos aspectos relacionados com o perfil social das mulheres transgéneros. Na segunda secção, apresentamos dados relacionados com o seu processo de socialização desde a infância até à fase adulta. Esta, por sua vez, divide-se em 3 subsecções, a saber: (i) início da identificação na infância, (ii) abandono do lar; e (iii) a aceitação/ negação de identidade das mulheres transgéneros por parte dos pais.

Na terceira secção, apresentamos os dados que contribuíram para o processo de construção de identidade das mulheres transgéneros. Esta secção está dividida em 4 subsecções, a saber: (i) a sexualidade; (ii) a revelação da identidade; (iii) os espaços de sociabilidade; e o (iv) processo de aprendizagem. Na quarta e última secção, encontram-se dados que explicam o processo de construção da identidade das mulheres transgéneros, que por sua vez, também encontra-se dividida em 4 subsecções, nomeadamente: (i) a necessidade de revelar-se como mulheres transgéneros; (ii) a atitude positiva em relação a identidade; (iii) a superação do preconceito; e (iv) o papel da Lambda.

4.1 Características sócio demográficas dos entrevistados

Nesta secção, apresentamos o perfil dos participantes na qual destacamos as características importantes para os objectivos deste estudo. No total foram realizadas oito (8) entrevistas, todas

com mulheres transgéneros. Cinco (5) entrevistadas vivem na cidade de Maputo e as restantes três (3) na cidade da Matola. Entretanto, quanto ao local de nascimento, sete (7) nasceram na Cidade de Maputo e uma (1) na Província de Maputo. As suas idades variam de 18 a 30 anos e em termos de níveis de escolaridade, as classes variam de 10ª Classe à 12ª Classe. Quanto à profissão, três (3) são cabeleireiras, duas (2) são activistas sociais e as restantes três (3) são desempregadas.

Relativamente ao sexo de nascença, todas são do sexo masculino e o actual sexo é masculino. No que diz respeito à orientação sexual, sete (7) consideram-se homossexuais e uma (1) bissexual. Contudo, atinente às suas identidades, todas se consideram mulheres transgéneros. No que concerne à atracção sexual, sete (7) consideram-se atraídos por homens e uma (1) por homens e mulheres. E relativamente à religião, todas professam o cristianismo.

Abaixo segue a tabela ilustrativa sobre os dados sócio demográficos⁵:

Nome do entrevistado	Joana	Elvira	Marta	Lina	Elsa	Hélia	Maria	Telma
Idade	22 Anos	19 Anos	18 Anos	22 Anos	20 Anos	30 Anos	22 Anos	28 Anos
Sexo a nascença	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino	Masculino
Local de nascimento	Cidade de Maputo	Cidade de Maputo	Província de Maputo	Cidade de Maputo	Cidade de Maputo	Cidade da Matola	Cidade de Maputo	Cidade de Maputo
Morada	Bagamoio	Matola	Patrice	Mavalane	Choupal	Nkobe	Mavalane	Bagamoio
Escolaridade	12 Classe	12 Classe	12 Classe	10 Classe	12 Classe	12 Classe	11 Classe	10 Classe
Religião	Cristã	Cristã	Cristã	Cristã	Cristã	Cristã	Cristã	Cristã
Profissão	Cabeleireira	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma	Cabeleireira	Act. Social	Cabeleireira	Act. Social
Identidade de género	Mulher trans	Mulher trans	Mulher trans	Mulher trans	Mulher trans	Mulher trans	Mulher trans	Mulher trans
Orientação sexual	Homossexual	Homossexual	Homossexual	Bissexual	Homossexual	Homossexual	Homossexual	Homossexual
Atracção sexual	Homens	Homens	Homens	Homens	Homens	Homens	Homens	Homens

No estudo, constatámos que três (3) transgéneros viviam sozinhas, ou seja, fora da casa dos seus familiares; três (3) viviam em famílias chefiadas por mulheres que apoiam as suas identidades; uma (1) vivia numa família chefiada por um homem, mas que a pedia para ocultar a sua

⁵ Os nomes que constam da tabela são fictícios, com o objectivo de salvaguardar a identidade das participantes.

identidade diante dos outros e uma (1) vivia numa família chefiada por uma mulher que não aceitava a sua identidade o que a levava a omitir diante da família.

No que diz respeito profissão, verificámos que as transgéneros desempenham diferentes actividades. Duas (2) eram activistas sociais, defendendo a causa de direitos de minorias sexuais, três (3) trabalhavam em salões de beleza e as outras três (3) eram desempregadas. Segundo a Telma de 28 anos, activista social, oportunidades de trabalho são ainda mais restritas para as mulheres transgéneros por conta das suas identidades. Neste âmbito a Lambda tem ajudado várias transgéneros, assim como homossexuais, oferecendo emprego nos seus escritórios. De seguida passamos para a segunda secção, a qual são relatados os factores que marcaram a infância e a relação das mulheres transgéneros com os seus familiares.

4.2 O Processo de socialização das mulheres transgéneros

Nesta segunda secção discutimos os dados referentes ao processo de socialização das mulheres transgéneros. Do tema conseguimos extrair as seguintes categorias: (i) início da identificação na infância; (ii) o abandono do lar; e (iii) a aceitação/ negação da identidade das mulheres transgéneros por parte dos pais.

4.2.1 Início da identificação na infância

O processo de identificação como mulheres se dá desde a infância. No entanto, nesta fase ainda não há plena consciência sobre a diferenciação dos papéis socialmente esperados e a necessidade de cumprir com as expectativas sociais. As mulheres transgéneros crescem usando e recriando os símbolos que identificam um ser do género feminino. Segundo os relatos dos transgéneros, desde a infância sentiram-se meninas/mulheres pelo que as suas brincadeiras sempre foram aquelas consideradas femininas. O seu ciclo de amizades sempre girou em volta de meninas. Ainda, na infância não percebiam o que acontecia com elas e, simplesmente, tinham essa tendência de estar no “mundo feminino”. Abaixo seguem os extractos ilustrativos sobre o envolvimento dos transgéneros no mundo feminino desde a infância:

“Eu não vou mentir, sempre me senti menina desde a nascença, então eu brincava mais com meninas, eu brincava as brincadeiras das meninas e tal, eu brincava com as meninas de maflexe⁶, de bonecas e tal, (Elvira, 19 anos).”

“...eu nunca me interessei em jogos de rapazes, sempre me interessei por jogos de meninas. Até hoje há jogos de rapazes que não sei, por exemplo futebol, muita coisa não sei, (Marta, 18 anos).”

“Brincar de neca e cheia, maflexe, saltar corda, tudo o que tem a ver com brincadeira de meninas. Brincava com meninas. Na escola também brincava com meninas. Quase toda parte que eu andava, brincava com meninas. Tudo era com meninas, até agora é com meninas, (Maria, 22 anos).”

Como se pode observar, a identidade transgénero resulta de um processo de interacção entre a relação que o indivíduo estabelece com os outros e a sua subjectividade. Segundo Hall (2006), existe uma ideia falsa de que a identidade é uma unidade, algo acabado, mas ela está sempre em processo de formação. Dada a falta de inteireza das identidades, a transgénero se constituiu numa relação de diálogo entre o universo feminino no qual esteve envolvido e na falta de completude da sua identidade masculina. Nesta senda, a identidade transgénero é uma parte das identidades que compõem o indivíduo, neste caso, a parte feminina do “eu” masculino que resiste as padronizações de género.

Os dados desta pesquisa são semelhantes ao estudo de Adelman., Ajaimé., Lopes., e Savrasff (2003), pelo facto de considerarem que as travestis e transexuais constroem suas identidades através do processo de interacção com os outros no qual usam as dicotomias de género para se auto-identificarem. A partir dos dados desta pesquisa, é possível estabelecer uma relação com este estudo visto que desde a sua infância, as mulheres transgéneros estão envolvidas no mundo

⁶ É um tipo de brincadeira onde duas meninas sustentam uma corda com as duas pernas, uma em cada extremo enquanto a outra vai saltitando no meio. É uma brincadeira típica de meninas.

feminino e estar nesse meio possibilita que tenham referências sobre o modelo feminino e assim incorporá-lo.

4.2.2 O abandono do lar

A identidade transgênero aparece como uma subversão das normas dentro das suas famílias, bem como da sociedade em geral pelo que, para vivenciarem suas identidades e constituírem-se como sujeitos de suas vidas, o abandono do lar aparece para algumas transgêneros como uma escolha razoável a fim de ter a liberdade de viver a mesma. Os dados mostram que as transgêneros têm a tendência de sair de casa dos seus pais, ou dos seus familiares devido aos conflitos existentes por conta das suas identidades. Portanto, isso mostra que o indivíduo já não se encontra totalmente subjugado pela estrutura social, mas que dentro dos limites que a mesma lhe apresenta, ele cria estratégias para sobreviver a mesma e constituir-se como sujeito de sua vida.

No caso específico, três (3) participantes da pesquisa saíram da casa dos seus familiares para viverem com as suas amigas e uma (1) ainda omite a sua identidade diante da família na esperança de ter independência financeira e sair de casa. Eis alguns trechos sobre a tomada de decisão da sua saída de casa:

"No início não era fácil. Não foi fácil até. Lembro que lutei muito, não foi fácil porque na minha casa achavam que era uma coisa que adoptei, percebes? Achavam que era um capricho. A convivência não foi fácil, não foi fácil, Hoje nem moro com eles devido a isso. Decidi sair de casa e fui morar com as minhas amigas em Bagamoio, (Joana, 22 anos)."

"Em casa sou aquilo que eu te disse (Heterossexual) ...fora sou uma outra pessoa. Pretendo me assumir com os meus 25 anos, com minha casa própria, com o meu trabalho... com alguma coisa para me sustentar. Porque agora é capaz de me expulsarem de casa, (Marta, 18 anos)"

A luz da teoria de Judith Butler (2003), é possível constatar que o transgênero representa uma desilusão da coerência entre o sexo e o gênero, pois a constituição do gênero se dá através de um discurso que inculca nos sujeitos maneiras de ser e de estar de acordo com o gênero. No entanto, sendo ele inscrito superficialmente nos corpos, existe a possibilidade dos sujeitos subverterem as normas e vivenciarem o gênero de acordo com a sua subjectividade.

Os dados até um certo ponto são consistentes com os resultados encontrados no estudo de Leite (2008), quando defende que a ciência tentou patologizar a identidade transgênero com o intuito de organizar a compreensão social desta minoria. Seguindo na mesma linha de raciocínio, consideramos que os conflitos que surgem na família e que culminam com o abandono do lar consistem numa tentativa de restabelecer a ordem e fazer com que a mulher transgênero esteja nos padrões socialmente esperados.

4.2.3 A aceitação/ negação da identidade das mulheres transgêneros por parte dos pais.

A partir dos dados foi possível constatar que as mulheres transgêneros nascem e crescem em famílias chefiadas por homens ou mulheres, e que estas por sua vez, desempenham um papel fundamental na construção de identidade transgênero dos seus filhos através da aceitação, negação ou diferença. Segundo os depoimentos das participantes, há alguns pais e mães que aceitam a identidade dos seus filhos, mas também há outros que a negam. A aceitação dessa identidade, por parte dos pais, aparece como uma âncora para conseguirem enfrentar o preconceito que encontram na sociedade. Por outro lado, a negação, ao invés de oprimir a identidade do filho, faz com que ele adote certas estratégias que o possibilitem lidar com a situação, que podem ser o abandono do lar ou omissão da identidade perante à eles. Os discursos abaixo mostram como aceitação da mãe e do pai foram fundamentais para a construção das suas identidades:

“No início ele não aceitava, meu pai não é velho, ainda é jovem, entende dessas coisas. Ele não aceitava mas acabou entendendo, viu que não quis, é algo que aconteceu. Por acaso ele me respeita. A minha mãe é a pessoa que mais me apoia, (Joana 19 anos).”

“...Bom, porque meu pai falou assim, eu posso ser o que eu sou mas não devo mostrar tanto as pessoas, (Elvira, 19 anos).”

“Ela me mandou sentar, conversarmos, ela pergunto se estava feliz, eu disse sim. Ela disse que não vou te mentir, eu pensava que fosses mudar, que as coisas não iam chegar a esse ponto. Mas faça da sua vida o que quiseres basta seres feliz, foram essas palavras da minha que foram me dando forças até hoje, (Elsa, 20 anos).”

A negação da mãe e do pai condicionou ao filho a adoptar algumas estratégias para vivenciar a sua identidade, os extractos que se seguem, ilustram isso:

“O pai é o pilar da casa, ele me levava à igreja, todos esses sítios aí. Me amarrava com gravata, eu me sentia sufocado, sufocado com aquela gravata casaco e eu disse não, isso não é para mim, (Joana 22 anos).”

“Minha mãe quando voltou da escola, eu estava em casa, me trancou no quarto me bateu, foi levar calcinhas dela disse usa, usa, estão aqui, se você quer isto, usa. E aquilo me marcou muito até tentei suicídio, tentei suicídio, não consegui me levarem antes ao hospital, (Marta 18 anos).”

Diante das atitudes dos seus familiares, as transgéneros criam condições para construir e vivenciar as suas identidades. A aceitação, por parte dos pais, cria um ambiente favorável para que a transgénero viva a sua identidade. E a negação dos pais não inibe a vivência dela, mas faz com que a transgénero crie estratégias (sair de casa ou omitir a identidade) dentro dos seus limites para ser o que deseja. Estes factos demonstram o quão a instituição social (família) tem sofrido mudanças, fazendo com que as normas sociais e o modelo de uma família tradicional sejam permeáveis e susceptíveis à adopção de novos valores ou, por outra, entrem em choque contra os novos valores (Hall, 2006).

Segundo Hall (2006), as identidades que constituíam o modelo social estão em declínio. Com o processo da modernidade, estão surgindo novas identidades que deixam o indivíduo mais complexo, deslocando as estruturas sociais e os processos centrais dos seus sistemas de referências. No caso particular das famílias das mulheres transgéneros, verificamos que aquelas que lhes aceitam estão mais abertas à novas experiências oferecidas pela sociedade, mas, por outro lado, as que as negam, encontram-se num estado de choque com os novos valores.

Os dados concordam parcialmente com as conclusões de Soares (2012), quando defende a ideia de que os indivíduos encaram as transgéneros como um ser com problemas psicológicos e que ele vai contra a moralidade. Ademais, os dados mostram ainda que há indivíduos que respeitam e apoiam as identidades transgéneros, neste caso os pais das mulheres transgéneros. Nesta senda, é preciso considerar que a visão que os indivíduos têm em relação à identidade transgénero é relativa.

De um modo geral, podemos considerar que o processo de construção de identidade transgénero inicia com a auto-identificação logo na infância e a *Elvira, a Marta e a Maria* consideram que este processo não acontece de forma consciente. O facto é que desde crianças já se encontravam envolvidas no mundo feminino e os seus sistemas de referência giravam em torno dele. O abandono do lar e a relação com os seus familiares estão estreitamente ligados, a convivência de ambos é que dita a sua permanência ou saída da transgénero de casa. Porém, a negação da família não inibe a vivência desta identidade e a aceitação cria um ambiente favorável.

Concluída esta secção, seguimos adiante para a terceira. Nesta secção, são apresentados os factores que contribuem significativamente para a construção de identidade transgénero, tais como, a atracção sexual por pessoas do mesmo sexo, a experiência de revelação da sua identidade, o frequentar lugares específicos e os ensinamentos sobre como tornar-se uma mulher.

4.3 Factores que contribuíram para a construção da identidade das mulheres transgéneros

Nesta terceira secção, discutimos os dados referentes aos factores que contribuem para a construção da identidade das mulheres transgéneros. O tema, por sua vez, divide-se em 4 categorias, nomeadamente: (i) a sexualidade; (ii) a experiência da revelação identidade; (iii) os espaços de sociabilidade; e (iv) o processo de aprendizagem.

4.3.1 A sexualidade

A descoberta da sexualidade constitui o primeiro factor que influencia a construção de identidade das mulheres transgéneros. Nos relatos das participantes consta que quando chegam à fase da adolescência, geralmente a partir dos 11 anos de idade, experimentam desejos sexuais por um indivíduo do mesmo sexo. A partir desta fase, elas descobrem que os seus desejos não correspondem aquilo que se espera de um rapaz dentro de uma comunidade e, daí, começam os conflitos internos em busca de compreender-se a si próprio, como se pode observar:

“Quando conheci um menino da mesma escola, ele também é do grupo, posso dizer isso. Ele tinha aquela brincadeira de me encontrar, me abraçar, me beijar pescoço, eu fui sentindo. Eu e as meninas tínhamos aquela brincadeira de nos abraçarmos, mas sempre que ele me tocava, eu sentia algo diferente, uma energia entrando, muito forte. É algo que não sinto com as meninas, mas sinto com homens. Então foi quando em 2017 descobri que o meu lugar era esse, foi quando decidi namorar com ele para ver se realmente é o que eu gosto ou não, (Maria, 22 anos).”

Os desejos sexuais das mulheres transgéneros impulsionaram-nas a relacionar-se com alguém do mesmo sexo. Este factor demonstra que não existe uma relação directa entre o corpo e o género, mas que os papéis de género são inculcados aos indivíduos através do processo da socialização. Ora, é preciso considerar que a atracção sexual por pessoas do mesmo sexo não implica necessariamente que o indivíduo será transgénero, mas no caso desta pesquisa, a percepção feminina que elas têm de si e este desejo caminham em paralelo.

Estes dados são consistentes à teoria de Butler (2003), ao referir que os papéis de género impostos aos sujeitos são de facto um discurso político que consiste em regular e dominar a sexualidade e o corpo dos indivíduos. Entretanto, a identidade do transgénero demonstra que não existe nenhuma relação de dependência entre o sexo e género, mas que o género é desenhado na superfície de um corpo. Ser mulher ou homem não implica necessariamente que o sujeito irá identificar-se com o género feminino ou masculino. Ser transgénero é subverter as normas padronizadas de género e também é demonstrar que o género é discursivo e sem nenhuma relação com a sexualidade dos sujeitos.

Diferentemente dos estudos de Ramalho (2018); Vilela, Gomes e Veloso (2006); Pelúcio (2005); Wittmann (2019); Ramos et al (2014) que defendem a ideia da construção da identidade transgénero apenas através da transformação do corpo, os dados desta pesquisa mostram que também é preciso considerar a questão da sexualidade onde o processo de se transformar em mulher é antecedido pela atracção por alguém do mesmo sexo.

4.3.2 A experiência da revelação da identidade

As transgéneros consideram que sempre foram mulheres e, por isso, não experimentaram um ritual de passagem do “eu masculino” para o “eu feminino”. Desde a infância, as suas vidas giravam em torno do “mundo feminino” e nas suas interacções sociais usavam códigos, gestos e comportamentos femininos. Outros indivíduos também se relacionavam com as mulheres transgéneros dentro deste “mundo feminino”. Neste caso, não falaremos necessariamente da revelação da identidade, mas sim da continuação de um processo de identificação que começou na infância. Algumas transgéneros consideram ter revelado sua identidade no dia em que saíram pela primeira vez à rua vestidas de mulheres. E as outras, o dia em que decidiram falar às suas famílias o que eram de facto. Abaixo se seguem alguns extractos da entrevista:

"O primeiro dia que eu pus as perucas, eu desde criança as minhas primas me cediam as saias e tudo." "Foi emocionante, comecei na zona a querer ver se me reconheciam, coloquei uns óculos escuros, coloquei minha maquilhagem, coloquei um vestido justo, lembro hum sobretudo,

um salto alto. Então sai andando, fui, dei muitas voltas na zona. Fiquei feliz da vida, estás a ver quando um pássaro é liberto da gaiola, uma sensação de finalmente, (Elvira, 19 anos).”

“Eu na verdade nunca estive no armário, posso dizer assim mas também...Foi quando terminei a 10 classe, porque já sabia das coisas, tinha telefone, já conhecia a Lambda, foi na 10 classe que eu decidi ser eu, que falei na minha casa, (Joana, 22 anos). ”

No entanto estes factos foram acompanhados de reacções diferentes, o que tornou as suas experiências também diferentes. Para *Elvira, Elsa e Hélia...* as reacções foram positivas porque consideram que uma vez que desde criança se entenderam por mulheres, os outros já esperavam isso deles e o ambiente familiar por ser mais aberto e compreensivo, já criava as mínimas condições. Por outro lado, para as transgéneros que experimentaram reacções negativas, como a *Joana, a Lina e a Telma*, relatam que os seus familiares viam os seus comportamentos femininos mas não acreditavam que isso de alguma forma fosse real, pelo que ao revelar isso para eles entraram em conflito. Eis alguns extractos:

“Com minha mãe e meus irmãos não foi uma coisa espantosa porque desde criança mesmo eu sempre tive um comportamento feminino, (Elsa, 20 anos).”

“Para mim não foi uma coisa de outro mundo porque era uma coisa que já está no pacote, já vinha preparado dantes, não houve muita discrepância porque preparei as pessoas antes, (Hélia, 30 anos).”

“Na minha casa levaram isso como atracção, não levaram mesmo como algo que eu queria. Meu pai pior, dai a convivência estava tão horrível. Já eu sai, decidi ser eu, porque eu me sentia bem e feliz, (Joana, 22 anos).”

“Foi muito difícil fazer isso perante aos meus pais, perante a minha mãe porque meu pai já não estava presente, (Lina, 22 anos).”

É preciso considerar que a revelação desta identidade, apesar de ser uma escolha individual, tomou em consideração as expectativas dos outros. Isto se verifica pelo facto da *Elvira, de 19 anos*, vestir-se como mulher e sair à rua para ver a reacção dos outros e também pelo facto de a *Joana, de 22 anos*, antes de se assumir, como tal, primeiro comunicou à família. Esse todo o processo gira em torno das mulheres transgénero e das expectativas que os outros têm delas.

É possível constatar que independentemente da aceitação, ou da negação, por parte dos outros, a identidade da mulher transgénero não deixa de se materializar. Segundo a teoria de Judith Butler (2003), esta identidade desestabilizou o discurso heteronormativo, demonstrando que é ilusória a coerência entre o sexo e o género. As reacções diferentes, que surgem em volta dela, demonstram sua fragilidade e a perda da força na dominação dos corpos e da sexualidade.

Quando se discute a questão da experiência de revelação desta identidade, os dados cruzam-se com os estudos de Suiama (2012) e Cunha (2018). O primeiro autor refere-se ao preconceito que ainda existe no contexto americano e o segundo autor refere a abertura que se tem na Europa, ambos com ênfase em contextos macros. Entretanto, salientando as diferenças das percepções no que concerne à identidade da mulher transgénero, os dados desta pesquisa remetem-nos à um contexto micro e também demonstra essa diferença na percepção da identidade transgénero por parte de outros indivíduos e, isso significa que a questão da aceitação/negação não pode ser generalizada, mas sim entendida na sua particularidade.

4.3.3 Espaços de sociabilidade

Quando as transgéneros revelam as suas identidades, elas passam a frequentar lugares que antes não frequentavam, tais como, discotecas, a Lambda e festas de LGBT. Estes lugares tornaram-se um espaço de sociabilidade onde criam um mundo que não é muito permeado pela transfobia ou

pela negação. Nestes lugares, que as transgéneros frequentam, há troca de experiências e afirmação das identidades. Os indivíduos, desde a sua nascença, pertencem aos grupos sociais nos quais partilham experiências e constroem suas identidades. Por serem consideradas “anormais”, as transgéneros constroem suas redes sociais e espaços de sociabilidade que passam a constituir-se seus grupos de pertença. Abaixo seguem-se alguns extractos ilustrativos:

“Comecei sim, comecei a frequentar lugares que não frequentava. Eu não era de frequentar discotecas, eu tinha medo de frequentar esses lugares, mas decidi ir para ver qual é a diferença. Fui, gostei e frequento até hoje. "Todo o mundo vai, é um lugar frequentado por diferentes pessoas, todo mundo está lá, é drogado, é bêbedo, lá não há questões de diferença, todo o mundo está lá, (Hélia, 30 anos).”

“E não são de LGBT, temos que variar um pouco, LGBT somos muitos, e há concorrência para aquele bofinho.⁷ Então às vezes vamos para Madjedje, que as mulheres são poucas, estão a se contar, os homens lutam aí, (Joana, 22 anos).”

“Discotecas, festas, sítios cheios de gays, enquanto cheguei lá eu pensava que era a única, eu cheguei lá vi todas as bichas, mulheres transgéneros eu disse Uau! Afinal existem pessoas assim, conheci muitas pessoas, a Lambda fazia muitas festas, nos convidavam, essas coisas todas. " Foi um amigo que lhe conheci no facebook, que trabalha na Lambda, (Elsa, 20 anos).”

Frequentar estes lugares reforça a construção desta identidade uma vez que encontram-se com pessoas que partilham a mesma identidade e pessoas que aceitam-nas. Estes lugares passam a constituir-se em locais de referência onde encontram seus grupos de referência. À luz da teoria de Hall (2006), a identidade do transgénero não só resulta da parte subjectiva do indivíduo, como também ganha vida através da influência que recebe das mídias, das redes sociais, da onda dos

⁷ É um apelido dado à um namorado ou alguém que se tem a intenção de namorar. Este apelido é designado na maioria das vezes quando o pretendido é considerado bonito.

movimentos LGBT, das mensagens e das imagens difundidas dos bens e serviços oferecidos ao público.

À semelhança dos dados constatados neste estudo, vários estudos de (Wittman 2019; Adelman., Ajaime., Lopes., e Savrasff 2003; e Mugabe, 2021), defendem que as mulheres transgéneros criam espaços de sociabilidade, sejam eles virtuais ou físicos, onde ocorre a troca de informação, experiências e a afirmação das suas identidades.

4.3.4 Processo de aprendizagem

As transgéneros consideram-se mulheres na medida em que vivem integralmente como mulheres. No seu quotidiano, elas vestem-se e comportam-se como mulheres. Apesar de considerar que sua identidade é algo nato, conforme diz a Elsa de 20 anos “...*Como eu bem disse, eu já nasci uma mulher. Eu não aprendi, tudo vem, novas tácticas, novas coisas, tipo eu sou uma mulher...*” confessam que para se tornarem mulheres que elas são hoje em dia, elas tiveram de passar por um processo de ensino e aprendizagem. A troca de experiências e a observação às outras mulheres foram fundamentais no processo de construção da identidade transgénero. Abaixo, seguem-se alguns extractos:

“...até posso dizer que um pouquinho foi influência, porque eu via nelas aquilo que eu queria. Todas elas montadas. Hoje estou a pôr um pó, estou a sair com elas, amanhã estou a fazer uma sombra, hoje é um gloss, amanhã é um batom, hoje estou a fazer unhas, amanhã estou a pôr calças apertadas. Começou assim mesmo. Aí quando abri os olhos já era eu dentro daquelas perucas, (Joana, 22 anos).”

“Eu já tenho um corpo afeminado. Então eu acho que por crescer com a minha mãe, acho que fui aprendendo coisas de mulheres do que de homens. Eu tive pouco contacto com homens na minha vida. Eu dormia com primas, não com primos. Então a minha família, mas indirectamente, proporcionou um ambiente para isso, para eu crescer, (Elsa, 20 anos).”

“Aquele amiga transgénero que eu conheci, ela que me ensinou a vestir, ela que me ensinou a comportar-se, ela que me ensinou quase tudo. Quem ensinou-me a vestir, a me portar bem, como falar, foi ela, (Lina, 22 anos).”

O processo de aprendizagem para ser mulher inclui também a adopção de um nome feminino, neste caso, que esteja de acordo com o género. Os nomes que se atribuem, resultam de diferentes fontes e alguns são inspirados em figuras públicas e outros derivam dos seus nomes originais. Ser mulher transgénero implica construir todo um aparato que esteja de acordo com o género feminino, desde a vestimenta, o comportamento e até o nome. Vejamos alguns extractos:

“Eu me apaixonei por aquela mulher, adoro ela, adoro as músicas dela. Adoro tudo... tipo uma pessoa que parece que me define, me sinto ela, isso ou nada. Se eu não sou a Blue, sou a Beyoncé, (Joana, 22 anos).”

“Tomázia, vem do meu próprio nome, na minha identificação chamo-me Tomás. Não quis fugir muito do nome Tomás. Todos me chamam de Tomázia, (Elsa, 20 anos).”

Segundo Stuart Hall (2006), as identidades não podem ser entendidas como algo completo, ou algo que já existe dentro dos indivíduos, mas como um processo em andamento que é preenchido a partir do nosso exterior através da forma como nós desejamos ser vistos pelos outros. Neste estudo ficou claro que a identidade das mulheres transgéneros representa essa falta de inteireza das identidades dos indivíduos. A identificação com as mulheres representa a forma como elas desejam ser vistas pela sociedade.

À semelhança do estudo de Pelúcio (2005) e Ramos et al (2014), o processo da transformação do corpo e a aprendizagem sobre o comportamento feminino se dá dentro de um grupo onde se constrói um corpo de conhecimentos que circula entre elas. Os dados cruzam-se com os estudos

dos autores mencionados visto que as participantes da pesquisa afirmam terem aprendido a comportar-se, bem como se vestir como mulheres através das suas amigas transgéneros.

De um modo geral, podemos considerar que a construção da identidade das mulheres transgéneros acontece num permanente diálogo entre a sua parte subjectiva e a objectiva. A sua sexualidade e a experiência de revelar-se encontram o seu suporte nos espaços da sociabilidade e nos processos de ensino e aprendizagem de se tornar mulheres transgéneros, pois a identidade é algo em andamento, que está sempre sendo formada através de processos inconscientes. Contudo, os indivíduos fantasiam-na como sendo algo acabado (Hall, 2006). As novas identidades (como a das transgéneros) vieram desestabilizar o poder do discurso heteronormativo sobre os corpos e a sexualidade, demonstrando que o género é discursivo e passível de alterações (Butler, 2003). Por fim, passamos para a quarta e última secção que discute os factores que explicam a construção da identidade das mulheres transgéneros.

4.4 Factores que explicam a construção da identidade das mulheres transgéneros

Nesta quarta secção, discutimos os factores que explicam a construção da identidade das mulheres transgéneros. Este tema, por sua vez, divide-se em 4 subcategorias que são: (i) a necessidade de revelar-se; (ii) a atitude positiva em relação à identidade; (iii) o papel da Lambda; e (iv) a superação do preconceito.

4.4.1 A necessidade da revelação

Em alguma fase da vida, as mulheres transgéneros sentem a necessidade de revelar as suas identidades, geralmente, a partir dos 18 anos de idade. Segundo os seus relatos, elas revelam-se porque já não conseguem representar o papel do “eu masculino” aos outros, por considerarem ter chegado o momento oportuno para tal e pelo facto de verem outras transgéneros já assumidas. Abaixo seguem os extractos que ilustram suas tomadas de decisão para assumirem as suas identidades:

“Eu já não estou a tratar de viver pelos outros, se nós formos aquilo que eles são ou aquilo que eles querem que nós sejamos, só vamos viver para agradar a eles. Eu agora sou prioridade na minha vida, (Elvira, 19 anos).”

“Eu já não conseguia ficar na gaveta, já não conseguia me esconder, fingir ser o que não sou, ao caminhar na estrada, fingir o meu estilo, fingir minha voz, meu jeito de falar, então não conseguia, decidi me assumir, (Maria, 22 anos). ”

“Porque eu já não aguentava mais namorar às escondidas, porque eu já tinha namorado que lhe conheci na secundária. Já aquele não tinha nenhum problema de me assumir. Ele gostava muito de mim, (Lina, 22 anos).”

A necessidade de revelar-se, aparentemente, é subjectiva, sem nenhuma relação com factores externos. Porém, é preciso considerar que existem elementos objectivos em volta desse sentimento. Verificamos uma deslocação de sentimentos do grupo de origem para grupo de referência, ou seja, a mulher transgénero não mais se identifica com os valores existentes na sua família ou comunidade, mas sim se identifica com os do grupo que partilha da mesma identidade. Esses grupos de referência reforçam os sentimentos de ruptura com os valores da família e impulsionam a busca por novas formas de ser e estar na sociedade.

De acordo com Stuart Hall (2006), o processo da modernidade desestruturou as instituições sociais que garantiam a ordem e serviam como pontos de referência para os indivíduos. O indivíduo passou a ter um papel importante na sua vida, transformando-se em sujeito. Assim, a identidade das mulheres transgéneros representa o sujeito que, de forma parcial, desprende-se das amarras sociais, dos valores familiares e da comunidade, passando a agir de acordo com as suas necessidades e anseios individuais, no entanto, consumindo também aquilo que a modernidade tem lhe oferecido, como é caso da possibilidade de ser mulher transgénero.

Alguns estudos são consistentes com os dados desta pesquisa, como por exemplo, de (Ramalho, 2018; Vilela, Gomes e Veloso, 2006; e Bento, 2006), ao demonstrarem que ser transgénero é determinado pela necessidade de ser visto como símbolo de poder e prestígio dentro do seu grupo; a necessidade de ser aceite socialmente, ou de preencher o vazio deixado pela rejeição e como uma forma de manifestação contra os discursos heteronormativos. Na mesma linha de ideais, os dados desta pesquisa acrescentam que a construção da identidade transgénero é também determinada pela necessidade subjectiva de vivenciá-la.

4.4.2 A atitude positiva em relação à sua identidade

As mulheres transgéneros criam e têm uma imagem positiva em relação à sua identidade, apesar do preconceito que têm sofrido. Essa imagem resulta da idealização que têm sobre o “ser mulher”. Ao assumir suas identidades, elas experienciaram diferentes sentimentos como, por exemplo, a satisfação, a auto-estima, a vergonha, o medo, o arrependimento que, por sua vez, são o reflexo das reacções dos demais. No entanto, aquelas que experienciaram sentimentos negativos, nem por isso, desistiram das suas identidades, mas seguem em frente mesmo diante do preconceito. Seguem abaixo alguns extractos:

“Uma mulher transgénero é forte, porque para suportar o que eu suporto e ainda sorrir, meu Deus! Não é para qualquer uma. Ser tratada como demónio, ser desprezada...estás a ver na hora da ponta, a paragem cheia... as pessoas te olham indiferente, (Elvira, 19 anos). ”

“É uma coisa maravilhosa meu bem. "Não sei se na minha infância conseguia entender, eu achava... por exemplo antes de conhecer outras pessoas eu pensava que era a única pessoa diferente no mundo, (Elsa, 20 anos). ”

Por sua vez, esta atitude está ligada à dimensão corporal, sentimental e comportamental. Primeiro é necessário que fisicamente a mulher transgénero se encare como mulher e isso verifica-se através do uso de roupas femininas, cabelos, etc. Segundo, não basta vestir -se como

mulher, também é necessário sentir-se mulher e, por último, é preciso assumir uma postura feminina diante de si e dos outros, a maneira de falar, de gesticular, de andar, etc.

“É dizer sim, sou mulher, posso não ter nascido com a vagina mas sou mulher. Eu sou mulher porque me sinto mulher, porque nasci mulher, (Elvira, 19 anos). ”

Todavia, essa atitude positiva é alimentada pela reacção dos outros quando, de um lado, é aprovada e, de outro, é desaprovada. Na primeira situação, a mulher transgénero encontra um ambiente favorável para construir a sua identidade e, na segunda situação, ela encontra um ambiente hostil, colocando-a em conflito com os outros sem que isso signifique a desistência.

À luz da teoria de Butler (2003, p. 1995), os actos e os gestos, os desejos articulados e postos em actos, criam a ilusão de um núcleo organizador interno do género, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da sexualidade reprodutora. O transgénero representa esta desilusão da coerência entre o sexo e o género, pois a constituição do género se dá através de um discurso que inculca nos sujeitos maneiras de ser e estar de acordo com o género. No entanto, sendo ele inscrito superficialmente nos corpos, existe a possibilidade dos sujeitos subverterem as normas e vivenciarem o género de acordo com a sua subjectividade.

Os dados desta pesquisa diferem dos estudos de alguns autores como (Ramalho 2018; Vilela, Gomes e Veloso 2006; Pelúcio 2005; Wittmann 2019 Ramos *et al* 2014) ao defenderem a transformação do corpo como a centralidade inquestionável para tornarem-se mulheres transgéneros. Para além da transformação do corpo, os nossos dados demonstram que existe também a dimensão sentimental que acompanha todo o processo de transformação em mulheres. Estes sentimentos reflectem-se na atitude positiva que têm da sua identidade e a consequente transformação do corpo masculino no feminino.

4.4.3 O papel da Lambda

A Lambda desempenha um papel importante na construção da identidade das mulheres transgêneros na medida em que, nas suas interações sociais como reuniões, palestras e festas, ocorre o processo de identificação entre elas. A Lambda transmite conhecimentos relativos às suas identidades, cria espaços de socialização onde há troca de experiências e descobrimentos da existência de outros indivíduos que partilham da mesma identidade. Conforme revelam os extractos abaixo:

“Eu fui para lá, vi as outras, eu senti uma paz enorme porque éramos muitas, porque eu na minha cabeça, antes de se conectar com o mundo, parece que estas sozinha, parece que és uma pessoa super sozinha, enquanto não. Cheguei lá, outras trans, gays, lésbicas, muita coisa, (Joana, 22 anos).”

“Eu aprendi que tenho direitos que devem ser respeitados. Foi bom, descobres que não és o único. Eu antes tinha receio mas quando descobri que não era única mulher transgénero não era o único diferente, aí começou o escândalo. A Lambda encoraja muito a se aceitarem, a perceber que tu não és a única, que és uma mulher que nasceu com pénis, (Elvira, 19).”

“Eu aprendi que há uma lei que determina que ninguém deve discriminar a outra pessoa por ter uma orientação sexual diferente daquela esperada. Foi muito boa, nem sei como explicar mas foi muito boa. Lá nos deixam confortáveis, nos deixam seguros, nos dão número, quando uma pessoa tenta nos agredir, ou se os nossos pais nos mandam embora de casa, temos que ligar para aquele número, (Marta, 18 anos).”

Os grupos sociais, quer de pertença quer de referência, desempenham um papel fundamental na constituição do sujeito. É no seu grupo onde o sujeito busca os elementos que servirão de base para estabelecer as suas relações sociais. No caso específico da Lambda, enquanto uma organização social, ela disponibiliza elementos (divulgação dos direitos e conhecimentos sobre

minorias sexuais, palestras, festas, etc.) que contribuem no processo de identificação e construção da identidade das mulheres transgêneros.

Estes dados são consistentes com a teoria de Hall (2006). A globalização faz com que as culturas nacionais estejam expostas às influências externas, o que torna cada vez mais difícil preservá-las. A identidade do transgênero não só resulta da parte subjectiva do indivíduo como também ganha vida através da influência que recebe das mídias, das redes sociais, da onda dos movimentos dos LGBT, das mensagens e imagens difundidas, dos bens e serviços oferecidos ao público. O transgênero acaba percebendo que noutros contextos culturais e sociais também existem outros sujeitos que partilham da mesma identidade, o que vai reforçar a construção desta identidade.

À semelhança dos dados constatados neste estudo, alguns autores como (Viera 2008 e Carvalho 2018) advogam que os movimentos sociais das LGBT têm contribuído de forma significativa para as minorias sexuais. Os dados desta pesquisa demonstram também que os movimentos sociais (Lambda) desempenham um papel fundamental na construção da identidade das mulheres transgêneros. Embora não seja um ganho ao nível macro, mas já influencia para que as mulheres transgêneros assumam as suas identidades.

4.4.4 A superação do preconceito

O preconceito tem sido o denominador comum na vida das mulheres transgêneros, podendo manifestar-se por diversas formas, tais como, insultos, olhares indiferentes, ou tentativas de agressões. No entanto, com o aparecimento da Lambda e da Labiba e Lassanta⁸ ao público, a partir de 2006 em diante, o nível de preconceito reduziu de forma considerável, conforme diz a Telma (28 anos, activista da Lambda). Com o passar do tempo, as mulheres transgêneros têm ganhado espaço para viver as suas identidades, mas o preconceito ainda existe e está num nível que se considera suportável, conforme diz a Hélia, de 30 anos activista social. Abaixo seguem os estratos sobre a percepção que as mulheres trans têm do preconceito:

⁸ Mulheres trans que participaram de um realityshow num programa televisivo da STV.

“Tirando a TV, a Lambda também fez alguma coisa, sempre fez palestras... não só Labiba e Lassanta fizeram grande coisa quando participaram daquele realityshow, foi uma das coisas que fez com as pessoas entendessem o que é isso. Eu acho que é mais ou menos isso, (Telma, 28 anos).”

*“Dia pós dia isso todo mundo vai passar na nossa comunidade, é albino, é deficiente ou que, todo o mundo vai passar, então olhando para essa situação tento não levar ao peito mas tentar resolver essa situação... eu tento superar.”
Em primeiro lugar as televisões, nas novelas há sempre lá uma ou duas pessoas, isso já consegue abrir a mente das pessoas, (Hélia, 30 anos).”*

Considerando o discurso da *Telma*, podemos entender que o facto da homossexualidade ter sido tornado público contribuiu para que as pessoas encarassem-na de forma diferente o que de alguma forma reduziu algumas formas de preconceito. Ao analisar também o discurso da *Hélia*, podemos constatar que ela encara este preconceito como algo normal no sentido de que todo o indivíduo, que não esteja dentro dos padrões socialmente definidos, poderá sofrer algum tipo de preconceito. Em seguida apresentamos trechos de outras mulheres transgéneros sobre a sua atitude em relação ao preconceito:

“Eu ignorava, e ainda ignoro até hoje. Aquilo não muda nada e não acrescenta nada na minha vida. Porque são pessoas que não acrescentam nada na minha vida. O que eu sei é que me sinto bem do jeito que eu sou e nada muda e ninguém vai mudar, (Elsa, 20 anos).”

“Não, não, isso de agressão aqui já não tem, já não esta na moda. Isso de insulto é normal, quer dizer não é normal, mas eu encaro como normal porque estou cansada, (Joana, 22 anos).”

“Não passo todos os dias, depende, depende dos sítios que vou frequentar. Há sítios que não estão acostumados a receber pessoas assim, é o que eu

acho. Há sítios que eu vou e não passo isso, nem um pouco, (Lina, 22 anos).”

Pelo que podemos observar dos discursos acima, o preconceito já não se constitui em si como uma barreira para a construção desta identidade. As mulheres transgéneros colocaram-no numa categoria considerada normal no processo de interacção social com outros actores sociais. O preconceito, relativamente as mulheres transgéneros, diminuiu sua força de coerção social, passando para um discurso comum do quotidiano.

O acto de preconceito é uma forma de interacção social na qual existe a negação do outro ser sujeito. O preconceito consiste numa tentativa de repor a ordem, de responder àquilo que é estranho na sociedade, no outro. Este acto pode manifestar por diversas formas, desde as ofensas morais, psicológicas e até mesmo a agressão física. No entanto, o acto de ignorar, que as mulheres transgéneros adoptam, pode ser considerado como uma normalização das discrepâncias. Elas passam a considerar como normal um acto que em si na sociedade é vista como anormal (Wieviorka, 2006).

À luz da teoria de Butler (2003), os papéis de género, impostos aos sujeitos, são de facto um discurso político que consiste em regular e dominar a sexualidade e o corpo dos indivíduos. O preconceito contra as mulheres trans resulta desse discurso político que consiste em regularizar a sexualidade. Quando a identidade transgénero tenta afirmar-se, ela desestabiliza os princípios e as normas sociais que orientam a relação entre os corpos, o preconceito, por sua vez, aparece como uma forma de estabilizar a ordem e reafirmar os papéis sociais e as identidades de género consideradas normais.

À semelhança dos estudos de Vilela et al (2006) e Ramos et al (2014), que salientam que o preconceito acompanha o quotidiano das mulheres transgéneros, os dados desta pesquisa também atestam que elas têm enfrentado esta batalha no processo de constituir-se em mulheres dia após dia. Todavia, o preconceito já não se apresenta como um grande obstáculo em suas vidas.

Deste modo, consideramos que a necessidade que as mulheres transgéneros tiveram de revelar as suas identidades e a atitude positiva que elas têm de si mesmas, é o reflexo do que a lambda desempenha na vida das minorias sexuais e pelo facto de algumas formas de preconceito terem reduzido no seu meio social. Com o processo da globalização torna-se cada vez mais difícil preservar as culturas e identidades nacionais, tornando as pessoas mais expostas a novos valores.

5. CONCLUSÃO

Neste trabalho, discutimos sobre a identidade das mulheres transgéneros cujo objectivo foi de compreender os factores que influenciam o processo de construção desta identidade. Neste sentido, partimos do pressuposto de que a identidade das mulheres transgénero em Maputo é resultado da influência das relações sociais que elas estabelecem entre si e com os outros actores sociais. Desta feita, o nosso argumento assenta na ideia de que mulheres transgéneros constroem as suas identidades numa constante negociação entre os factos subjectivos e objectivos que envolvem as suas vivências.

Os resultados desta pesquisa permitiram-nos concluir que os factores que influenciam a construção da identidade das mulheres transgéneros podem ser classificados em dois, os internos e os externos. Nos factores internos destacam-se: o início da identificação na infância, a sexualidade, a atitude positiva, a necessidade de revelar-se, a experiência de revelação da identidade, o processo de aprendizagem e a superação do preconceito. Por seu turno, os externos são: a aceitação/ negação da identidade das mulheres transgéneros por parte dos pais, o abandono do lar, os espaços de sociabilidade e o papel da Lambda.

Em termos analíticos, não é razoável fazer uma categorização destes factores, pois existe uma estreita relação entre ambos visto que os factores internos, de alguma forma, são influenciados por factores externos e *vice-versa*. Igualmente, para uma questão de explicação a categorização faz-se necessária. Mas, podemos considerar que os factores internos constituem-se no substrato da identidade transgénero e os factores externos são o meio de materialização desta identidade. Isto significa que os sentimentos e a sexualidade impulsionam a vontade de ser mulher transgénero e, por sua vez, os grupos de referência funcionam como motor para conduzir este processo.

Relativamente aos factores internos, constatámos que o processo de construção desta identidade inicia na infância uma vez que as mulheres transgéneros relataram que desde criança o seu mundo gira em torno do universo feminino. As suas brincadeiras, as suas amigas e os seus sentimentos sempre se encontraram dentro desse universo. Quando chegam na fase da

adolescência, sua sexualidade denota uma tendência diferente daquela que é socialmente esperada, começam a sentir atracção sexual por alguém do mesmo sexo. Durante todos estes acontecimentos, elas carregam consigo uma atitude positiva em relação à sua identidade. Esta atitude surge da imagem que existe sobre o que é ser mulher e também é influenciada pelos ensinamentos da Lambda.

Relativamente a revelação de sua identidade, as mulheres transgéneros experimentam reacções positivas, bem como negativas. As primeiras reacções motivam as mulheres transgéneros a seguirem em frente e a assumirem a sua identidade. Por outra, as segundas reacções desmotivam-nas, trazendo-lhes sentimentos como a vergonha, o medo, o arrependimento e isso, no entanto, não implica a renúncia da identidade transgénero por parte delas.

O processo de transformação em mulher também resulta da troca de experiências, dos ensinamentos de outras mulheres transgéneros mais experientes e da observação de outras mulheres. Há uma dada altura nas suas vidas as mulheres transgéneros sentem a necessidade de revelar as suas identidades e, geralmente é a partir dos 18 anos. Nesta fase da vida, elas consideram que já têm o direito de tomar as decisões sobre suas próprias vidas. Ademais, a superação do preconceito torna esta caminhada mais leve, isso graças ao surgimento público das transgéneros Labiba e Lassanta e criação da Lambda.

No que concerne aos factores externos, temos questão da aceitação/ negação da identidade das mulheres transgéneros por parte dos pais. A aceitação por parte dos pais cria um ambiente favorável para que a mulher transgénero afirme a sua identidade. Por outro lado, a negação cria uma função latente na qual a mulher transgénero opta por sair de casa, ou omitir a sua identidade perante aos pais. Dado aos conflitos que surgem na família, algumas mulheres optam por abandonar o lar para terem a liberdade que precisam. Ao saírem de casa encontram a liberdade para se transformarem em mulheres e fazerem parte dos seus grupos de referência.

Os espaços de sociabilidade tornam-se locais onde ocorre o processo de identificação e a troca de experiências relativamente as suas identidades. A Lambda também desempenha um papel importante na vida das mulheres transgéneros e de outras minorias sexuais. Esta organização tem

realizado festas, encontros e palestras nas quais as mulheres transgéneros adquirem conhecimentos sobre as suas identidades e os seus direitos cívicos.

De um modo geral, a construção da identidade das mulheres transgéneros resulta de um processo contínuo de interacção entre factores internos e externos. O indivíduo traz consigo sentimentos e desejos que se materializam ao identificar-se com os outros indivíduos que partilham dos mesmos sentimentos e desejos. A construção da identidade das mulheres transgéneros resulta também do reflexo de outras mulheres transgéneros.

Com base nas teorias de Hall (2006) e Butler (2003), conseguimos compreender as identidades consideradas “anormais” socialmente, particularmente a identidade transgénero. Estas teorias mostram que os sujeitos já não são totalmente subjugados pela estrutura social, que ao tentar compreender um determinado fenómeno é preciso considerar também o papel dos sujeitos. Segundo Hall, houve mudanças sociais, políticas e culturais que contribuíram para a construção e desconstrução das identidades e, Butler defende que as identidades de género são resultado de um discurso político, passíveis de transformação.

Relativamente a identidade dos transgéneros na cidade e província de Maputo, é possível depreender que inculcar os papéis de género aos sujeitos através da socialização, não implica necessariamente que irá ocorrer o processo de identificação. Mas que é preciso ter em conta os aspectos subjectivos que envolvem o sujeito e a relação que ele estabelece com os outros no seu quotidiano.

A existência de vários factores, por um lado, demonstra a complexidade do fenómeno pelo que estudo mostrou-se limitado em aprofundar cada um deles. Por outro lado, sugere uma interpretação acautelada do fenómeno. Este trabalho focou-se na compreensão dos factores que contribuem para a construção de identidade transgénero e consideramos que os próximos estudos podem incidir em cada um deles de forma mais aprofundada sobre como é que influenciam este processo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adelman. M., Ajaimé. E., Lopes. S. B., e Savrasff.T. (2003). Travestis e Transexuais e os Outros: Identidade e Experiencia de Vida. *Niteroi*, 4, (1) 65-100.

Carvalho, M. (2017). Travesti, mulher transexual, homens transgêneros e não binário: interseccionalidade de classe e geração na produção de identidade política. *Cadernos*, p. 52.

Cunha, L., R. (2018). Direito dos Transgêneros sob perspectiva europeia. *Debater a Europa*, (19), 47-57.

Dias, R. C. P. (2005). Resenha: Modernidade e Identidade. *Psicologia e sociedade*, 17 (3). 80-81.

Garcia, M. R. V. (2008). Prostituição e actividades ilícitas entre travestis de baixa renda. *Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho*, 11 (2), 241-256.

Grossi, R., K. (2018, Julho). Stoller e a psicanálise: da identidade de género ao semblante lacaniano. Belo Horizonte - MG. *Estudos de Psicanálise*, (49), 31-44.

Júnior, A. V. (2008). Do altar para as ruas: luta, resistência e construção identitária de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. *Bagoas*, (02), 171-190.

Lima, A. f. (2012). Acepções de identidade na obra de Jurgen Habermas: Subsídios para uma psicologia social criticamente orientada. *Psicologia e Sociedade*. 24 (2), 253-262.

Madalena, J. (2013). Resenha a “Identidade”, de Zygmunt Bauman. *Civilistica.com*. Rio de Janeiro, 2 (4).

Moura, R. G. (2017). Nossa imagem não é boa para diversos estabelecimentos e até empresas: o mercado de trabalho e as organizações como agentes transfóbicos. *Revista Conbrad*, 2 (3), 111-128.

Mugabe, N. A. (2021). Mapeando as auto identificações, a construção das identidades e as subjectividades das “manas trans” na cidade de Maputo. *Anuário antropológico*, 46 (2), Maio - Agosto 171-197.

Pelúcio, L. (2005). Toda quebrada na plástica: corporalidade e construção de género entre travestis paulistas. *Campos*, 6, 97-112.

Ramos et al (2014). Uma incursão ao etnográfico ao mundo dos trabalhadores sexuais transgéneros. *SRSS (Saúde Reprodutiva Sexualidade e Sociedade)*, (4), 45-55.

Rosa, L. S. e Mackedanz, L. F. (2021). Análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação, em ciências. *Revista actos de pesquisa em educação/ Blumenau*, 16, 1-23.

Santos, L. (2011). As Identidades Culturais: Proposições Conceituais e Teóricas. *Revista rascunhos diamante. Coxim/ms*. 2 (4). Julho/ Dezembro 141-157.

Soares, A. S. F. (2012). A construção da identidade sexual: travesti a invenção do feminino. *Revista electrónica de estudos integrados em discurso e argumentação*, (2), 5-14.

Suiama, S. G. (2012). Um modo auto - determinativo para o direito de transgéneros. *Boletim Científico ESMPU*, 11 (37), 101-139.

Taques, F. J. (2007). Movimento LGBT: considerações necessárias. *Ciências Sociais*, 144- 148.

Vilela, W. V. Sobre Transgéneros: produzindo corpos e subjectividades. *Saúde Colectiva*, 3 (11), 73-78.

Vinuto, J. (2014). Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: Um debate em aberto. *Campinas, Temáticas*, 22 (44), Agosto / Dezembro, 203-220.

Wallach, J. (1995). “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Porto Alegre. *Educação & Realidade*, 20, (2), jul./dez, 71-99. Available from SciELO Books SCOTT.

Wieviorka, M. (2006). Violência hoje. Brasil, *Ciência e Saúde Coletiva*, 11, 1147-1153.

Wittmann, I. (2019). O corpo nasce de uma identidade: reflexões sobre a construção do corpo em experiências transgêneros. São Paulo, *Cadernos de campo*, 28 (2), 86-107.

Daniels, J., Struthers, H., Maleke, K., Catabay, C., Lane, T., McIntyre, J., & Coates, T. (2019): Rural school experiences of South African gay and transgender youth, *Journal of LGBT Youth*, DOI: 10.1080/19361653.2019.1578323.

Moresco, M. C. e Ribeiro R. (2015). O Conceito de identidade nos estudos culturais britânicos e latino – americanos: um resgate teórico. *ANIMUS revista interamericana de comunicação mediática* E-ISSN 2175/4977, 14 (27). www.ufsm.br/animus.

Toneli, MJF (2012). *Sexualidade, gênero e gerações: continuando o debate*. In Jacó-Vilela, AM., and Sato, L., orgs. *Diálogos em psicologia social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, ISBN: 978-85-7982-060-1, 147-167.

Ávila, S. e Grossi, M. P. (2010, Novembro). *Transexualidade e Movimento Transgênero na Perspectiva da Diáspora Queer*. Trabalho apresentado no V Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homo cultura – ABEH – Natal, RN.

Cárceres et al (2011). *Sexualidad, Ciudadania y Derechos Humanos en America Latina: unquinquenio de aportes regionales al debate y la reflexion*.

Heerden, G., V. (2019, October). *LGBTQ RIGHTS IN -SAHARAN AFRICA: Perspectives of the region from the region*.

Jesus, J. G. (2012, Dezembro). *Orientações sobre a identidade de género: conceito e termos: guia técnico sobre transexuais, travestis e demais Transgéneros para formadores de opinião*. 2 ed. Brasília.

Jesus, J. G. (2014). *Identidade de género e políticas de afirmação identitária*. VI Congresso Internacional de estudos sobre a diversidade sexual e de género da ABEH, Brasília.

Júnior, P. F. M. S (2015). *Mecanismos de controlo da diversidade sexual no contexto da epidemia HIV/AIDS: um relato de experiência sobre as estratégias afirmativas dos direitos sexuais e reprodutivos da população LGBT no Brasil e em Moçambique*. VII jornada internacional de políticas públicas. São Luís Maranhão, Brasil.

Koko, G., Monro., S., & Smith, K. (2018). *Lesbian, gay, bisexual, transgender, queer (LGBTQ) forced migrants and asylum seekers multiple discriminations in: Queer in África LGBTQI: Identities, Citizenship, and Activism*. Edited by: ZethuMatebeni, Surya Monro, and Vasu Reddy.

Braga, S. (2007). *Falas do falo: o travesti e a metáfora da modernidade* (Tese de doutorado em Letras – Linguística, UFSC, Brasil).

Brilhante, J. (2016). *Imagens Sociais de Pessoas Transgéneros: uma análise a partir de estudantes do ensino superior de português* (Dissertação de mestrado em Evolução e Biologia e Humanas, Universidade de Coimbra, Portugal).

Chipenembe, M. J. M. (2018). *Sexual rights activism in Mozambique: A qualitative case study of civil society organizations and experiences of lesbian, bisexual and transgender persons* (Thesis submitted for the degree of doctor in gender and diversity & gender and diversity studies, Vrije University Brussels,).

Garcia, M. R. V. (2007). *Dragões: género, corpo, trabalho e violência na formação da identidade entre travesti de baixa renda* (Dissertação de pós-graduação em Psicologia Social, Universidade de São Paulo, Brasil).

Júnior, J. L. (2008). *Nossos corpos também mudam: sexo, gênero e a invenção das categorias travesti e transexual no discurso científico* (Tese de doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo).

Mugabe, N. A. (2015). *Marcadores de diferença e jocosidade entre sujeitos LGBT na cidade de Maputo*. (Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).

Mugabe, N. A. (2019). *A graça da desgraça: socialidades e processos de engajamento no universo LGBT em experiências etnográficas no sul global (Rio de Janeiro e Maputo)*. (Tese de Doutorado, Universidade do Estado de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).

Ramalho, N. A. (2019). *Virar travesti: trajetórias de vida, prostituição e vulnerabilidade social* (Tese de doutorado em Serviço Social, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal).

Saleiro, S. P. (2013). *Uma abordagem sociológica de gênero* (Tese de doutorado em Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal).

Siqueira, M. S. (2004). *Sou Senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice* (Dissertação de mestrado em Antropologia Social, UFSC, Iha de Santa Catarina).

Snyman, T. C. (2019). *The protection of African transgender women's rights to dignity, life and health through a teleological reading of the Maputo Protocol* (Thesis presented in fulfilment of the requirements for the degree of Master of Law in the Faculty of Law, Stellenbosch University).

Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). São Paulo, Atlas Editora.

Grossi, M. P. (s/d). *Identidade de gênero e sexualidade*.

Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11ª ed.) Rio de Janeiro: DP e A editora.

Machado, G. E. e Oliveira, V. M. F (2018). *Gênero diversidade sexual e Educação*. Rio de Janeiro: Mares Editores.

Marconi, M. A e Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos da metodologia científica* (5ª ed.).São Paulo: Editora Atlas.

Richardson, R. J (1999). *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. São Paulo: Editora Atlas

Rios, R. R. (s/d).

7. ANEXOS

Bibliografia Consultada

Aguilar, M. A. B. e Goncalves J. P. (2017). Conhecendo a perspectiva pós – estruturalista: Breve Percurso de sua Historia e Propostas. *Conhecimento Online*, 1 (9), Janeiro/ Junho, 36-44.

Campos, C. J. G. (2004). Método de Analise de Conteúdo: ferramenta para análise de dados qualitativos no campo da saúde. *RevBrasEnferm*, 57 (5), Setembro/ Outubro, 611-4.

Silva, A. H. e Fossa, M. I. T. (2013, Novembro). *Análise de conteúdo: Exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos*. IV encontro de ensino e pesquisa em administração e contabilidade. Brasília/DF.

Sousa, J. R. e Santos, S. C. M. (2020). Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: o modo de pensar e de fazer. Rio Grande do Norte, *Pesquisa e Debate em Educação*, 10 (2), Julho/ Dezembro, 1396-1416.

Guião de entrevista

Esta entrevista tem como objectivo colher dados que possam permitir-nos compreender os factores que influenciam no processo de construção da identidade das mulheres trans em Maputo. Este objectivo concerne ao trabalho de fim de curso para a obtenção de grau de licenciatura na Universidade Eduardo Mondlane.

Solicita-se que o entrevistado responda todas as perguntas com franqueza e em função da sua experiência individual. E lembra-se que todas as suas respostas são de extrema importância para esta pesquisa. O entrevistado é livre para interromper, pedir esclarecimentos e criticar algumas perguntas caso não esteja de acordo.

Perfil Sócio -demográfico

- a) Número da entrevista;
- b) Data e lugar da entrevista;
- c) Nome do entrevistado (fictício);
- d) Sexo do entrevistado;
- e) Idade do entrevistado;
- f) Nível de escolaridade;
- g) Morada;
- h) Local de nascimento;
- i) Ocupação.

Tópicos

Tópico geral: *Compreender os factores que influenciam o processo de construção de identidade das mulheres transgéneros na cidade e província de Maputo.*

Tópicos específicos:

1. *Processo de socialização primária e secundária dos transgéneros na cidade de Maputo.*

1.1- Onde você nasceu?

- 1.2- Com quem você vivia?
- 1.3- Quem era o chefe da família?
- 1.4- Como era a sua relação com as pessoas com quem vivia?
- 1.5- Com quem você brincava na infância entre meninas e meninos?
- 1.6- Quais eram as suas brincadeiras na infância?
- 1.7- Quais eram os valores que a sua família transmitia para si?
- 1.8- Como era a sua relação com os colegas da escola?

2. Factores que influenciam a construção da identidade dos transgéneros na cidade de Maputo

- 2.1- Quando é que começou a se perceber de forma diferente?
- 2.2- Como foi revelar a sua identidade aos outros (família, amigos, colegas, vizinhos, etc)?
- 2.3- Quando assumiu a sua nova identidade? Quais lugares passou a frequentar?
- 2.4- Como é a sua relação com os outros transgéneros?
- 2.5- Como é a sua relação com pessoas que não são transgéneros?

3. Características dos factores que influenciam a construção da identidade transgénero na cidade de Maputo.

- 3.1- Como aprendeu a vestir-se como homem / mulher?
- 3.2- Onde aprendeu a comportar-se como homem / mulher?
- 3.3- Onde você se sente mais a vontade para expressar a sua identidade?
- 3.4- Quando foi a primeira vez que se vestiu como homem / mulher?

4. Explicação dos factores que influenciam a construção da identidade transgénero na cidade de Maputo.

- 4.1- Por que decidiu assumir a sua identidade?
- 4.2- Como você percebe a sua identidade?
- 4.3- Qual foi o teu sentimento ao assumir a sua identidade?
- 4.4- Como é que as outras pessoas reagem diante da sua identidade?
- 4.5- Como é que descobriu que sua identidade era diferente?